UNDE SALUS?

CONSIDERAÇÕES POLITICAS

POR

UM PORTUGUEZ.

PORTO:
TYPOGRAFIA DE F. P. D'AZEVEDO,
Rua das Hortas n.º 82 a 84.

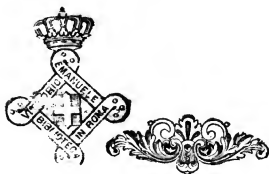
1851.

UNDE SALUS ?

UNDE SALUS?

CONSIDERAÇÕES POLITICAS

POR

UM PORTUGUEZ.

PORTO:
TYPOGRAFIA DE F. P. D'AZEVEDO,
Rua das Hortas n.° 82 a 84.

1851.

UNDE SALUS?

I.

Quem é natural d'esta terra, que Deus dotou de um céo, tam esplendido, de campos, tam pingues, de rios, tam deleitozos, de serras, tam pitturescas, como se assim a talhara para ser, na Europa, a primeira em formosura e riqueza;

Quem se criou, de pequeno, com os grandes nomes e os feitos incriveis, que levaram a nossa fama por essas naçoēs do mundo;

Quem sente dentro do peito um coração generozo, que se contrahe com os ais publicos, que se doe da geral angustia;

Quem é portuguez, emfim, e de tal se ufana ¿como ha-de ver a vergonha, a mingoa, a oppressão, em que estamos, sem que o sangue lhe escalde as faces, sem que o pranto lhe acuda aos olhos, sem que a alma lhe aflua á bocca, para indicar um alvitre, que ponha cobro a taes males?

No ponto, a que nós chegamos, temos todos obrigação d'isso — de fallar, de escrever, de emmittir, cada qual, o seu voto, e depois se verá, cotejando-os, o que mais quadra á queixa do infermo.

Seja-se lizo, que o interesse é commum; feche-se a porta ás affeições de partido; fuja-se da lizonja, que é a inimiga da esperança, como o prégou Massillon; corte-se a fio pela verdade, por mais amarga que seja; diga-se o *pœnitet*, que ninguem está isempto de peccado ou ingano; muna-se o animo de um valor resignado para arrostar os botes do que venha aggredir-nos, e cuidemos de Portugal... se inda é tempo.

Será?

Vivo está elle por ora; de baixo do sudario, que o veste, e que, talvez em breve, o amortalhe, sôb a purpura innodoada, que lhe puzeram por mofa, e onde a Europa soletra, diariamente, capitulos, que a condemnam e licções, que a escarmentam, existe a sombra animada do que foi gigantesco soberano.

Quasi sombra; mais nada.

Pois que é do nosso poder, ingente, admirado, temido?

Sumio-se.

Provinha todo da fé, da esperança, da fraternidade; e esses tres elementos, tam estreitamente cazados, que são a origem da «liberdade» que eleva e felicita os povos, por que em si resumem, inteira, a doutrina do mais sabio e justo, do melhor dos codigos — o evangelho de Christo, murcharam sobre este solo, como plantas sem seiva.

A fé, que nos fortalecia, quando hiamos por toda a parte, arvorando o seu symbolo, a cruz, a par do nosso symbolo, as quinas, quando os varões portuguezes antepunham a India a Lisboa, o campo da briga ás salas da dança, o martyrio com gloria ás delicias do ocio, quando a carne obedecia ao espirito, a fé... apagou-se nas trevas de um materialismo impio e egoista.

Só se mira ao lucro, ao luxo, ao gozo.

Não se legisla, nem reina com outro intuito.

O que vae arriscar a vida, não é por que sirva a Deus, ou defenda a patria, senão por que conta com novo posto.

Torce-se a justiça, pollue-se o templo, rasga-se a lei, desvirtua-se o clero, indisciplina-se a tropa, assola-se o povo, por que haja, no fim de tudo, um emprego, que *ingorde*, uma pasta, que *renda*!

A esperança, que afiava, em Aljubarrota, a espada do condestavel, que surria a Domingues, sobre a ogiva arrendada do seu livro de pedra, que esvoaçava na prôa da nau do Gama, que, em Macau, inspirava a lyra do nosso Homero, a esperança... degenerou na indifferença.

Amollecidos na infusão do sensualismo, que lhes importa que ahi haja, ou não, soldados, que

nos libertem, artistas, que nos illustrem, mariantes, que nos accrescentem e poetas, que nos eternizem?

Cifra-se a vida no dia de hoje; e a patria, na propria caza.

Como alli não chegue a ponta do açoite, que fere a nação cá fóra, nem o rugir do volcão, que talvez ámanhã nos ingula, come-se, bebe-se e dorme-se; do mais não se trata!

A fraternidade, que nos tinha unidos n'um mesmo corpo, que extinguia quaes-quer desavenças, que entre nós se accendessem, que sempre nos insinava a perdoar affrontas de conterraneos, porque assim estivessemos prestes para tomar despique das que nos vinham de fóra, a fraternidade mudou-se no odio. . . . .

Lavra o veneno da desconfiança pelas veias da sociedade; cresta o brandão da discordia os vinculos mais caros e sanctos que podem ligar os homens.

Não ha visinho por visinho, protegido por protector, amigo por amigo, irmão por irmão, filho por pae, mulher por marido.

De tudo se julga mal, de tudo se teme, e tudo se sacrifica, se a isso obrigar o cazo.

Eis-aqui no que deram as antigas virtudes!

Eis no que deu o poder, que se gerara em seu seio!

E a nossa riqueza, que é d'ella?

Que é do fructo de tam porfiados estudos, de tam assiduas fadigas, de tam heroicos esforços?

Vinde vós proprios desinganar-vos.

Deitae os olhos para essa ulcera, a que chamam « finanças do estado. »

Attentae n'essas fauces, que teem tragado,

successivamente, a herança do orphão, o haver da viuva, os soldos do militar, o salario do empregado, os ganhos do mercador, o suor do operario, o cabedal do fidalgo, o patrimonio do frade, e as grossas sommas d'uma divida enorme, quem sabe se athe insoluvel, d'uma divida de duzentos e cincoenta milhões: reparae bem: que vedes?

Um vazio profundo e cahotico, onde paira um bando de açores, que ainda ahi pertendem cevar-se!

Ai! poder e riqueza levaram egual caminho.

Fracos e pobres, como nos pozeram, a braços com a anarchia e com a bancá-rota, resvalamos pelo plano inclinado da decompozição social.

Ao cabo d'elle está o mappa de Hispanha, para absorver-nos, está a algema, que nos maniate, está o feretro ignobil da nossa « nacionalidade. »

Nem se diga que exaggeramos.

Não. Esta é a verdade, verdade terrivel, que ninguem contesta, porque não ha que oppor-lhe.

¿ E não será já possivel conjurar a sorte, que nos ameaça?

¿ E não haverá modo de avivar a fé, abatendo o materialismo,

De reacender a esperança, apagando a indifferença,

De alentar a fraternidade, extinguindo o odio?

¿ Buscaremos, em vão, quem cicatrize essa ulcera e escurrasse os açores,

Quem acuda ao orphão,

E mantenha a viuva,

E pague ao militar,

E não deixe sem pão o empregado,

E proteja o mercador,

E cuide do operario,
E allivie o fidalgo,
E indemnize o frade,
E tente com tino e brandura, sustar, diminuir, solver a divida publica?

¿Teremos de soletrar somente no denso véo do futuro a sentença do Dante:

LASCIATE OGNI SPERANZA?

Não.
Ha, pois, inda um meio?
Ha.
Como?
Vejamos.

II.

Porem antes que se passe adeante, convem que, tornando atraz, investiguemos os erros, de que o mal se deriva.

Saiba-se a cauza, para que mais ao certo se debelle o effeito.

Trate-se de observar por onde entrou a peçonha, para que va, por ahi mesmo, o antidoto.

Marque-se bem o baixo, onde naufragamos, para que agora mudemos de rumo.

E já que *todos*, como nós dissemos no prece-

dente capitulo, se acham culpados por ommissão, ou malicia, e devem, com o esparto á cinta e as cinzas sobre a cabeça, ajoelhar ante a patria, por que ella os oiça e os absolva; uma vez que a nenhum é dado arrojar a pedra ao visinho, nem, portanto, estranhar que seja severo quem o chama a contas, em nome da historia, não cataremos respeitos e vamos aqui fazer justiça direita.

Suum cuique.

Diga-se tudo a todos.

Comecemos pelos realistas, remontando-nos a 1828.

O primeiro dever d'este grande partido, n'aquella epocha de rejuvenescencia, depois que o tribunal legitimo — os tres estados do reino — profundando a questão á luz do direito publico, decedio por unanimidade que o principio tradicional da monarchia se achava incarnado no joven principe, a que a nação portugueza, pela mais espontanea, mais inthusiastica e mais compacta manifestação, havia offertado a coroa e, com a coroa, a obrigação de manter-lhe os foros e liberdades, o seu dever principal — apezar dos tropeços, com que os reaccionarios lhe impeciam, de continuo, o caminho, soprando as cinzas da rebellião — teria sido, sem duvida, confiar a essas mesmas cortes o exame da constituição, para que a amoldassem ás exigencias do tempo, e fizessem d'ella o que da « magna-carta » fizeram discretamente os inglezes.

D'este modo ter-se-hia impedido que um punhado de ambiciozos arvorasse o pendão da reforma, para, com tal negaça, armar ao favor dos estranhos e crear proselytos entre os naturaes.

D'este modo estar-se-hia em guarda contra a borrasca de 1830, que já então inturvava o horizonte, e que, oriunda da sedição, não podia deixar de cuspir um raio sobre o throno de Portugal.

D'este modo, emfim, mostrar-se-hia á Europa que se intendera o seculo e as suas tendencias.

Não o fizeram: erraram.

N'esse mesmo anno, rebentou, no Porto, uma insurreição, que levava por alvo as instituições e a dynastia, e que repercutiu, mais tarde, em Lisboa.

Porque haviam de uzar de coarctivos, tam asperos, para extirpal'a e evitar que se repetisse?

E' certo que alguns, dos que foram então condemnados, tambem eram reus de homicidio, perpetrado contra seus lentes, que haviam hido á côrte, felicitar o monarcha da parte da academia.

E' certo que as leis vigentes eram explicitas, comminando as penas mais graves aos que aggredissem o rei e o estado.

E' certo que assim se tem practicado em todas as eras e em todos os povos, mesmo n'aquelles, cujos governos ahi blasonam de *humanitarios*, e que, sendo os primeiros em dar por tyrannos os miguelistas, vieram, com mão armada, entrar-lhes em caza e pôl'os manietados, em holocausto á vingança.

Sim; pois que fazem, em cazos identicos, os *liberaes* signatarios da « quadrupla-alliança »?

Perdoou Luiz Philippe as tentativas de regicidio, ou fechou os olhos aos motins de Leão e da rua de Transnonain?

E Izabel II já disse — basta! quando o sangue carlista, manando, ás ondas, do cadafalso, lhe vem innundar o throno e tingir os arminhos?

E a Grã-Bretanha, ou antes o ministerio whig condemnou, por ventura, o açoite e a metralha, que exterminavam, a eito, os filhos da Cephalonia, e mais era bem sancta a cauza, que ella invocava?

E os constitucionaes portuguezes negarão que se inforcou, nas ilhas, que se arcabuzou, no Algarve?

E a que lei se apegavam? a que razão se atinham? a que desculpa se soccorriam?

Não ha que ver; elles ultrapassaram o governo de 1828 e não lhes cabe o accuzal'o.

Todavia, isso não tira que nós lhe mostremos na historia, n'essa fertil conselheira do futuro, como Say lhe chama, que a clemencia é melhor do que o castigo.

E quem tinha por si, que os tinha, o « direito » e o suffragio da nação inteira, mais ganhava, deixando livres os defensores de uma cauza exotica, embora tramassem revoltas, que não vingariam por que as tolhia o ridiculo, do que aplicar-lhes a prizão, o confisco e a pena-ultima, pena anachronica n'uma sociedade culta e christã, pena inneficaz quasi sempre, athe nos crimes civis, quanto mais nos politicos, pena, que reprovamos e por cuja abolição pugnaremos.

Devia perdoar, não ha duvida; e tel'o-hia feito, lá isso é verdade, se a Inglaterra, vindo ingerir-se nas nossas coizas, e impondo-lhe uma amnistia em troco d'um reconhecimento, não quizesse tornar *seu*, o acto, e tirar-lhe a nacionalidade.

E assim, os realistas, ao principio, severos, e, depois, nimiamente pundonorozos, seguindo um systema de repressão, de que abuzaram, para maior

damno, os juizes, em muitos pontos, como se porfiassem em recrutar gente para o campo constitucional, sequestraram a fazenda a uns, metteram no carcere a outros, e a alguns dos cabeças impozeram sentença de morte: erraram!

Agora, ao lado d'este processo, que aqui estivemos fazendo aos sectarios da « legitimidade », é justo que se lavre a chronica dos partidarios da « revolução. »

Não para a desfigurar em proveito d'aquelles; não para attenuar o feito de uns, confrontando-o com o dos outros; não para sacar d'ahi argumentos de reconvenção, mas para obter o nosso fim — a verdade, porque estamos como Boileau; sem isso não ha nada bello.

Agora, voltando-nos para os antagonistas da monarchia, julgamos que chega a vez de dizer-lhes:

Errastes, hasteando, no Porto, em 1828, e, depois, em Lisboa, o pendão da revolta, agastados, porque o governo não fazia reformas, quando vós lh'o tolhieis, roubando-lhe o tempo e o socego pre, cizos, ou então amuados, por elle vos não chamar que era o ponto, para que vos pozesses ao leme do estado.

Errastes, porque, induzindo a muitos incautos para que emigrassem, não intendendo ninguem com elles, quizestes associal'os aos vossos planos e incarecer á Europa a crueza, de que fugireis;

Errastes, porque, prevalecendo-vos da incuria inqualificavel, com que os realistas deixavam que a sua fama andasse, lá fóra, a correr-lhes á revelia, introduzistes nas côrtes, escrevestes na imprensa, pregoastes nas praças os aleives mais execrandos

contra o Senhor Dom Miguel, careando, com tal ardil, em beneficio vosso, os favores de alguns paizes, ao passo que alienaveis as sympathias, que alli tinha o principe;

Errastes, porque na ilha, onde fostes fundar a regencia, votastes á morte e aos tratos a maior parte d'aquelles, que não professavam os vossos principios, exercendo assim durissimas represalias;

Errastes, porque, aceitando para acaudilhar-vos o imperador do Brazil, que os seus proprios povos, já fartos de prepotencia, haviam arrojado do throno, preparastes, por vossas leis absurdas, o cahos administrativo, em que estamos vivendo, hypothecastes-nos a traficantes, pela divida, que contrahistes e trouxestes á patria a escoria de muitos paizes, pela villanagem, que recrutareis;

Errastes, porque, havendo saltado em terra e acendido a guerra civil, quando vieis que a nação portugueza vos repellia, como se fora um só homem, e que as vantagens, que houvestes, durante anno e meio, devidas, em grande parte, a traições ignobeis, não vos davam inda a victoria, fostes chamar Rodil e as suas hostes, para que viessem acabar com isto;

Errastes, porque, quando o senhor Dom Miguel, apezar do valor do seu bravo exercito e da affeição do seu povo illustre, intendeu que era balda toda a contenda, e, querendo estancar o pranto e o sangue, que a patria estava vertendo, se lhe immolou nobremente, e que vós ficastes, em Evora, senhores da vida e fazenda dos legitimistas, deixastes que os maltratassem, como a uma requa de escravos e que os vossos sycarios cuspissem de vinho as faces de tanto heroe, que acossara, em tempos melhores, as

aguias do imperio francez, que nunca infiou nos combates, seguindo a bandeira « branca » e que só depozera as armas, na fé sincera, em que vinha de que seria mantido um convenio... sagrado;

Errastes, porque, estreando-vos no governo, com uma impiedade vandalica, andastes de camartello e alavanca, por essas terras do reino, abatendo cruzes, escalavrando imagens, demolindo templos e derrocando padrões gloriozos, polluistes o altar de Deus-vivo, onde os vossos magnates — quem tal cuidara! — fizeram, depois, mangedoura de seus mimosos cavallos, deitastes os frades á rua, sem acatardes siquer, a respeito d'elles, a maxima de Sieyès, sem que aplicasses, ao menos para o saldo da divida o que lhes tirareis — esse pinguo montão de terras, de livros, de palacios, de joias, de alfaias, de gados, que, a troco de uns *certos titulos* foi dar quasi todo ás mãos d'agiotas, invadistes tumultuariamente os poderes da egreja, pondo vigarios intrusos, creando um scisma, perseguindo o clero e os povos, que não quizeram ser solidarios do sacrilegio, e propalastes doutrinas sophisticas e adversas ao catholicismo.

Errastes, porque auctorisando toda a casta de vinganças, que cahisse sobre os miguelistas, promulgastes uma lei de indemnizaçoens, á sombra da qual lhes diziam: ‹ dae cá o *capital* do vosso haver para nos forrarmos dos *rendimentos* do nosso, de que estivemos privados por alguns annos ›, aplaudistes o seu homizio, em honra dos *liberaes* que jazeram no carcere, apoiastes os, que os ceifavam á punhalada, ou á bala, votando mil victimas á memoria de cada um d'esses, que as justiças do reino

puniram, louvastes os que os reputavam uns poucos de ilotas, cujos direitos consistem em pagar as fintas e cujo prestimo se reduz a ingrossar as vossas fileiras, se acazo careceis de *força*, para, em estando servidos, lhes chamardes estupidos;

Errastes, porque, depois que a cobiça do mando vos retalhou em corrilhos, como se porfiasses em mostrar, d'essa sorte, que mais póde comvosco o interesse do que a crença politica, do que os laços da camaradagem, do que o medo de que vos conheçam, tendes-vos gladiado uns aos outros com um rancor ferino, não haveis hezitado ante nenhuns meios — o soborno, a diffamação, a intriga, a perfidia, as demissoens, o desterro, o incarceramento, o combate no campo, e obrigaes o povo a assistir ao escandalo e a aguentar, inda em cima, com os gastos da guerra em que só vòs levaes ganho ou perda;

Errastes, porque, desmentindo as palavras nas obras, fizestes da verdade, impostura, da virtude, cynismo, da liberdade, oppressão, da imprensa, arena de diatribes, da urna eleitoral, sophisma, do parlamento, eschola de pugilato, do thesoiro das graças, patrimonio de nescios.

Errastes, porque, em vez de varrer de entre nós os vestigios do antigo odio, impenhais-vos em atiçal'o, ora intoando os hymnos do fratricidio, quando commemorais as batalhas infaustas, que aqui se tem dado e hides banhar de prantos *officiais* a campa do principe, que mais trabalhou para a nossa discordia, ora redigindo os diplomas, que galardoam serviços malditos, porque foram prestados contra portuguezes;

Errastes, porque, desinganados, como o estaveis, de certo, em tenteando as proprias forças de

que não podieis, de que não ereis para reger isto, e, muito menos, para o salvar, não tivestes, por ambição ou capricho, a nobre franqueza de abrir mão do cargo e trespassal'o a quem o cumprisse com melhor zelo e juizo, mas antes vos abraçastes, inda mais, com elle, fazendo assim com que o mal se exacerbe, de dia a dia, com que tudo se desvirtue, se derranque e se perca.

Da analize, que aquí deixamos feita, em lingoagem, se acre, imparcialissima, deduz-se, com a logica mais inflexivel, que o nosso estado provem:

De que uns e outros tomaram por mau caminho;

Os primeiros, porque foram severos e não reformaram a tempo;

Os segundos, porque foram intolerantes e só reformaram, desbaratando.

O que agora se quer, portanto, é um governo crente, perseverante, benigno e economico, que reuna a nação n'uma unica familia, e que, aproveitando o que houver de util nos systemas antigo e moderno reconstrua o estado em harmonia com o seculo.

E que principio lhe servirá de bazo?

E a que partido terá Deus reservado a missão de lhe dar o impulso?

III.

Aqui ha tres partidos.

Não fazemos cabedal, já se sabe, dos bandos variegados, em que dous d'elles se desconjunctam, nem damos a menor importancia ás pretenções rachiticas de um grupo, que ainda ahi vive uma existencia ephemera.

Tres só inumeraremos:

O cartista,

O progressista,

E o legitimista.

E' precizo estudar a cada um de per si e ver-lhe a origem, a indole, a força, os precedentes e as aspirações, por que possa dar-se resposta á pergunta, que atraz deixámos.

Não se cuide, porem, que o escalpelo, de que nos servimos, vai ser instrumento de vinganças politicas.

Não; a nossa missão é mais alta; só fazemos aqui as vezes de philosopho e historiador.

Não; quando entrámos para esta tribuna, penduramos, á porta, a nossa diviza, deixamos lá fora, as sympathias intimas, e tambem deixariamos as aversões, se, por desgraça, as tivessemos.

Não; fugiremos de personalidades, nem que seja para dar gabos aos homens honestos, por que os há — ou poucos ou muitos — em todos os campos, por que a esses tributamos respeito, por que contamos com elles para a sancta impreza da salvação publica.

Feita esta declaração, continuemos.

O partido cartista — o mais onerado, talvez, de acuzações tremendas, o mais responsavel, de certo, pela serie de calamidades, que, ha pouco, exhibimos, pois que foi o primeiro a guiar as coizas do estado, desde a era revolucionaria, e, quasi sempre, se tem mantido á frente d'ellas, apezar da guerra violenta, que lhe move, sem tregoas, a outra fracção liberal — o partido cartista singulariza-se pela sua energia.

Não perde nenhum ensejo, que lhe venha de molde, nem deixa escapar nenhum meio, que lhe depare o acaso, em se tratando de conservar, ou rehaver, o mando; e todavia não conta o povo nas

suas alas, que — se innobrecidas por *alguns* talentos, sempre dignos de veneração, inda mesmo quando esperdiçam, como o sol, os seus raios, sobre um terreno infecundo — em geral se compoem:

De uma porção do clero,
De varios aristocratas,
Da agiotagem,
Da burguezia,
Dos funccionarios,
E de parte do exercito.

A auzencia do povo explica-se.

E' que elle vio sempre a bandeira da carta, alliada aos que vinham talar-lhe os campos, que grangeara, destruir-lhe as egrejas, em que rezava, derrogar-lhe as leis, por que o governavam, no regaço da abundancia e da paz, e expulsar-lhe o rei, que elegera;

E' que a vio no Belfast, em 1826, nas naus do Mindello, em 1832, e na esquadra de Parker, em 1847.

E tambem se explica a adhezão dos outros.

Os raros clerigos, de que dispõe — não fallando de alguns egressos, que, contrafeitos no claustro, para onde entraram sem vocação, beijam, gratos, a mão, que lhes franqueara o caminho do seculo — ou são, com excepções, intende-se, os que trocam o breviario pela lista eleitoral, os que despem a loba para vestir a farda, os que pregam politica em vez de evangelho, os que fazem commercio com o seu ministerio, ou os que, elevados a elle, sem os estudos precizos, não distinguem o direito do facto, se vêem, no throno, o primeiro e

o segundo, no exilio, e vão adorar Baal, tomando-o por Jehova!

Os nobres, que para lá foram, e que lá teem esgotado, por vezes, a taça da humiliação, levou-os, afora outras cauzas, que não nos compete metter na balança, ou a idea de que perderiam a fazenda e o nome, se, na lucta vital, em que se revolve o mundo, não tomassem logar n'um terreno *neutro*, embora agitado, entre a republica e a monarchia, ou a persuasão de que a justiça andava d'aquelle lado, no que hoje porfiam inda — com serem os desinganos tam duros e tam repetidos, que já não ha animo, por mais contumaz, que se lhes não renda — por que, ingeitando o preceito de Horacio, receam que uma retractação impane o lustre de sua honra e deite d'ella má fama.

Os agiotas, esses não podem estar onde melhor se cevem do que ao socairo da carta, que, se é mancinella para a nação, lhes deu regalada sombra quando se refocilaram no banco, quando ganharam, cento por cento, nos emprestimos ao governo, quando transformaram em oiro, pela alchymia mais barbara, as lagrimas das classes inactivas, medrando á custa de taes violencias, que se alguem tentasse espremer-lhes, como áquelle lettrado da curia veneziana, as toalhas da meza, em que, novos Lucullos, se banqueteam, veria gotejar d'ellas o sangue em fio.

Os burguezes, desconhecendo que muitos da sua plana serviram a monarchia em emminentes logares, cuidam que se a carta não fora, ficariam chumbados ao balcão do merceiro; e como vieram, invocando-a, a ser a primeira entidade da epocha

e entraram na guarda-roupa da aristocracia, para, depois se arrearem com as cabaias heraldicas, de que tanto mofavam, e percorreram, ovantes, a eschala dos cargos publicos, desde juiz de paz athe ministro de estado, e escolheram entre os « bens nacionaes », por preço o mais comezinho, palacios na cidade e na aldea, adoram aquelle codigo, como a uma vara de Armida, que, por condão, os fizesse fidalgos, potentes e abastados.

Os funccionarios só estão alli prezos pela sua sorte e pela sorte das suas familias.

Lamentavel situação, deveras!

A revolução, abalando a sociedade nos seus eixos, esbolhando a muitos do patrimonio, tolhendo-lhes o futuro e obstruindo as carreiras, que, d'antes, se lhes offereciam, obrigara-os a procurar um emprego.

Não querem perdêl'o, porque n'elle perdiam o seu derradeiro amparo, e, por isso, inclinam-se para a parcialidade, que, havendo-se sustentado no poder por mais tempo, lhes dá melhor garantia da conservação do officio.

E os militares, finalmente, que, de espada em punho contra os realistas e, depois, contra os demagogos, ganharam a patente, em que estão, defendem-se d'uns e d'outros, por que temem que a monarchia lhes dê baixa do posto, por que sabem que uma republica lh'a dará com certeza.

Vemos, por conseguinte, que a *energia* do partido cartista não procede da consciencia da sua força numerica, nem da implicita confiança na abnegação de seus membros.

D'ondo lhe vem, pois?

Da legitimidade de seus symbolos?

Da verdade de seus principios?

Da segurança da sua posição?

A sua pozição é tam segura, como são verdadeiros os seus principios, como são legitimos os seus symbolos.

A carta — já agora fallemos desassombrado, que mais e melhor se tem ditto ahi — a carta traz vicio de origem.

Um brazileiro, como era Francisco Gomes, não podia engendral'a para portuguezes, sem, primeiro, os consultar, ao menos.

Um monarcha alheio, como era o senhor Dom Pedro, não podia outhorgal'a a subditos, que lhe não pertenciam.

Um inglez, como era Charles Stuart, não podia importa-la a um paiz, com que nada tinha.

Alem d'isso, se, em 1826, a regencia do reino, meio-coacta por uma espada, a mandou jurar pelos funccionarios, não foi acceita dos tres-estados, como contracto billateral, e segundo o que decretara o seu proprio dador, mas antes encontrou logo visiveis signaes de repugnancia em toda a nação, que, reputando-a adversa a seus uzos e independencia, a abolio, tam espontaneamente, como, depois, a atacou, quando a expedição da Terceira lh'a veio, de novo, impor a fogo e a ferro.

Ora, a dynastia da carta...

O cazo é simplicissimo.

Tendo se revoltado o snr. D. Pedro, levantando-se com o Brazil, constituindo-o em um imperio, fazendo a guerra a Portugal, tratando com este reino, de potencia a potencia, e de-

clarando, ao cabo, em 1825, que *nada queria d'aqui*, que *de tudo cedera*, o throno tocou, sem questão... bem se sabe a quem foi; não só por que a carta patente de 1642 rezava « que o mais velho dos filhos varões, quando o rei possuisse dous distinctos senhorios, succedesse no maior e coubesse o menor ao segundo » o que agora se dera; mas tambem por que « o direito não pára » segundo o aphorismo juridico, e, ao transmittir se, em 1826, por morte do snr. D. João VI, á linha mais velha, topou-a *desnaturalizada*, e passou, por isso, á immediata, não cabendo a *ninguem* interpor-se-lhe no caminho.

De mais, o pleito foi sentenciado pelos tres braços do estado « a que — segundo o que se estabeleceu em 1641 — somente compete julgar e declarar a legitima successão da coroa. »

Sentenciou-se e provou-se, de sobra, que nem podia o snr. D. Pedro trespassar direitos, que *já não tinha*, nem, que podesse, eram vàlidos á augusta pessôa, em que recahiam, por ser estrangeira athe estar jurada successora ao throno do novo imperio.

Dos symbolos passemos, agora, aos principios.

O systema constitucional que responda por elles.

A França que diga o que lucrou com os seus doutrinarios.

A Hispánha que falle dos seus moderados.

Esta ainda geme, como nós gememos, sôb um sophisma pezado e tyrannico;

Aquella já mergulhou no abysmo insondavel, que, se isto dura, terá de sorvernos.

Que vale o bello paradoxo de Thiers?

Ou a utopia arrogante de Lafayette?

Ou a sonora theoria de Benjamin Constant?

Um publicista francez redarguio-lhes, ha annos, com esta maxima:

« O liberalismo é a mascara da liberdade. »

E o nosso escrittor, mais eximio, corroborou as palavras de Laurentie com outras, não menos notaveis, que poz na bocca do personagem, que incerra maior interesse em um de seus melhores livros, e que nós reproduziremos:

« O liberalismo é uma seita, que tem muita força para o mal e que não pode fazer bem verdadeiro, real e perduravel. »

Ora o liberalismo é o systema constitucional, que não passa de ser o fructo dos principios, em que a carta se funda.

Reconhecido isto, é facil de concluir que os seus partidarios se acham n'uma pozição falsa.

Pois que quer dizer esse titulo de *conservadores*, que agora se arrogam?

Conservadores de que?

Da propriedade?

Mas elles foram os que deram, primeiro, o exemplo de desacatal'a; e, ou devem, antes de tudo, confessar que tomaram o alheio e ver se o offendido lhes legitima a posse, absolvendo-os da culpa, ou retendo-o, sem isso, sugeitar-se a que outros venham tambem tomar-lh'o, uzando de egual direito — o direito da força.

Que é o que intentam conservar então?

A ordem?

Mas elles foram os que, primeiro, a offenderam, quebrando a egide, que a resguardava, desconhecendo

a verdade de que « alterada a lei fundamental, como uma lei *ordinaria*, a estabelidade desapparece, e o paiz fica exposto ás eventualidades do acazo », de que « se chamarmos progresso ao odio *do que existe*, poderemos destruir e confundir, mas nunca melhorar nem fortalecer, » como ahi disse, o outro dia, uma voz nobre, eloquente e insuspeita.

Oh! era realmente bem commodo, arvorar o pendão da revolta, fazer-lhe, do conto, um ariete contra a cidadella do mando, arrombal'a, entrar, e, mal que se está de dentro, trancar as portas, na face, aos que vinham na recta-guarda, pugnando pela *mesma* cauza, e bradar-lhes em tom sobranceiro:

— Manos! ficae la fóra. Se athe aqui chegastes com nosco, por que necessitavamos dos vossos auxilios, ávante não passareis, que são outros os tempos. Se já fomos consocios, corremo-nos hoje de tal convivencia, negamol'a, maldizemol'a, por que estamos fartos, e vós, famintos, por que vestimos arminhos, e vós, trajaes *blouse*, por que vamos ao paço, e vós ficaes pelas ruas, por que sois *revolucionarios* e nós somos... *conservadores*!

Era commodo, mas não era justo — não era possivel.

O seu peccado estará sempre contra elles.

Hão-de beber pela taça, em que propinavam o fel;

Hão-de rasgar as carnes n'essa espada de Damocles, que penduraram, d'um fio, sobre a cabeça dos outros;

Hão-de rolar, abraçados ás ruinas da sociedade, que tiraram da sua baze, e que imprehendem, pobres Sisyphos, assentar n'outro ponto.

E se julgam que, por ventura, imbahem, com a artimanha, a Europa monarchica, e conseguem logar na cruzada *legitimista*, ou amedrontam, com taes esgares, a Europa republicana, e atravessam, incolumes, como Moyses, as vagas do mar *vermelho*, não tarda que bata a hora dos desinganos.

Não; por mais que se escondam na pelle do anho, sempre hão-de deixar, á vista dos reis e dos povos, signaes, que os denunciem, como ao lobo da fabula.

Por mais que se imbucem no manto de Cezar, sempre hão-de apanhar os golpes, que a logica dos successos lhes anda vibrando.

Porem, rematemos: d'onde vem ao partido cartista a sua *energia*, a não dimanar, como vimos que não dimana, de nenhuma das fontes, de que deviamos crêl'a oriunda?

Infelizmente, procede das cauzas, a que temos atribuido a maior parte dos damnos, que pezam sobre esta terra:

Da sede dos « gozos materiaes » que o arrasta a *duvidar* de tudo;

Da *indifferença*, com que preside ao flagicio do povo, que é mister immolar para conseguil'os; do *odio*, com que persegue os que intentam prival'o d'elles.

E é isso o que, tambem, o embaraça de entrar em reformas uteis e pôr a *despeza* publica a par da receita.

Se o fizesse, havia de começar por caza; e não só estranhava, por que vive affeito á opulencia, mas athe se suicidaria, por que tinha logo de ver rarearem-lhe as proprias phalanges, pela defecção dos em-

pregados *superfluos*, que lhe dão seu apoio, em troca do salario, que ganham.

E pode a um partido, com taes condições, caber a missão suprema de elevar Portugal á sua antiga pujança, sacando-o, primeiro, do charco, em que ahi o chafurdam?

Que responde o prezente?

O mesmo que respondera o passado.

Uma palavra unica:

— Não!

IV.

Saiamos dos arraiaes da carta.

Os seus sequazes não dão indicios, por ora, de quererem vir mergulhar-se na agua lustral, e partilhar dos trabalhos da nossa regeneração.

Deixemol'os, que estão inda idolatras, e vamos entrando nas tendas, onde acampa outro exercito — o progressista.

Este partido, que incerra, em seu gremio, uma porção avultada da geração nova, que — mais pon-

deroza pelos seus talentos, do que mesmo pela importancia do seu numero — intende, talvez, que a democracia é o futuro do mundo, e que a atmosphera de uma republica é a unica propria para dar largas aos vôos do ingenho, e nem quer abdicar o quinhão, que tem de tocar-lhe na gerencia administrativa, nem submetter a intelligencia a uma orbita, que *julga* estreita;

Este partido, que, se carece de proprietarios, se lhe faltam capitalistas, possue, em compensação, capitães strenuos, litteratos notaveis, oradores facundos e economistas distinctos;

Este partido, que goza, não lh'o contestaremos, de *alguma* preponderancia sobre *parte* da classe operaria, especialmente, nos grandes focos de população, onde mais teem chegado os reflexos da agitação, produzida em outros paizes pela questão do « trabalho, » de que, graças a Deus, nós estamos isemptos, inda;

Este partido, a que — embora gerado na invazão do Mindello, não deve negar-se o foro de « nacional » por que não se *inaugurou*, na scena politica, estribado nas armas dos extrangeiros, mas antes pelejou contra ellas, em 1847;

Este partido... trouxera o sello de grandes fados.

Muito poude fazer, em proveito da patria, se, em vez de o guiarem pelo caminho vasto, direito e chão, como cumpre ao que professa lealmente um *principio*, o não tivessem mettido nas ingremes tortuosidades, por onde rasteja somente a intriga mesquinha e villã.

Muito podia fazer, inda hoje, se, acazo, se

emancipasse de uma tutella, que o subjuga, e que o torna, por esse modo, solidario de seus actos proprios.

Tirando as faxas da infancia, em 1836, para invergar a couraça, onde tinham de vir provar-se as espadas da côrte. . . das Necessidades, elle ganhara um tam grande incremento, que, ao cabo de nove annos, revelava fórmas athleticas.

E' que, alem dos cartistas *divorciados*, que se lhe foram unindo, haviam-se-lhe grupado, á roda, muitas das influencias monarchicas, que trouxeram comsigo, como era obvio, grossas massas de povo.

Se o que resolvera os primeiros a colligar-se com gente de ideas tam heterogeneas, fôra o simples desejo de tomar desforra de seus compartidarios, que lhes não deixavam comer, em honra da carta, á meza do orçamento; ou o propozito cavilozissimo de empatar á opposição o seu natural *progresso*, para que não chegasse, nem athe á abolição do throno constitucional, que serviram e que louvavam, nem athe á restituição do throno legitimo, que combateram e maldiziam, enigma é esse, que nos não prezamos de decifrar.

E não queremos tambem que nos taxem de ter feito um juizo temerario. . .

O que sabemos, sim, é que os segundos entraram no accordo, com a alma pura de ruins designios.

— Os septembristas — raciocinavam elles — ¿ houveram-se para comnosco com menos crueza, embora fazendo da necessidade virtude? pois sejamos-lhes gratos e esforcemo-nos para sustental'os,

por que, senhor por senhor, antes este, que nos põe meia algema, do que aquell'outro, que nos punha uma inteira.

— São mais honestos? e, posto que não modifiquem o poder de tributos, que nos sobrecarrega, mostram, comtudo, que intentam dar melhor via aos rendimentos do estado? fallam de reformas politicas e sociaes? aclamam a liberdade? pois nós tambem « somos livres »; tambem estamos porque se reforme uma sociedade anomala e uma politica pernicioza; tambem aplaudimos que não se desviem os dinheiros do erario; tambem veneramos a limpeza de mãos.

— Hostilizam a carta? arrancam a purpura ao solio? descozem-n'o, taboa a taboa, despojam-n'o, athe, da sombra do prestigio real? pois, uma vez que a monarchia de Affonso ahi dorme, no fundo do carcere, onde a incerrou... a Europa, um somno quasi tam lobrego, como o do seu fundador, e não ergue, porque não pode, porque não deve, o seu braço nervozo para expurgar o templo, dos vendilhões, que o profanam, é bem que nos incorporemos com os contrarios de um sceptro e de um codigo, que nunca reconheceramos, e contra os quaes protestamos por *todas* as formas.

— E, n'uma palavra, proclamam o dogma da « soberania nacional? » querem que o povo declare os *seus votos*? promettem de remover os estorvos, que possam oppor-se á manifestação da *vontade publica?* affirmam que hão-de acatal'a? pois estamos concordes; unamo-nos, que, n'esta fuzão, vae o alicerce para um formoso edificio; andar, que bem

nos ha-de ir, se formos sempre na pista do « suffragio universal. »

— ¿ Onde pode levar-nos elle ?

— ¿ A' restauração do snr. D. Miguel, o que é certo, o que é infallivel, por que inda hoje o adoram, o dezejam e o reclamam sete decimos da nação portugueza ?

— Melhor. O principe alcançará mais um diadema; o « direito » receberá mais um baptismo de affecto; e a crença, porque pugnamos, e que trazemos, no peito, occulta, obterá mais uma victoria.

— ¿ A' eleição de uma outra dynastia, o que era improbabillissimo, o que seria impossivel, pela simples razão, que acima expendemos, de que as ideas monarchicas, na nossa terra, confluem para o principio, de que é unico reprezentante o filho segundo do snr. D. João VI ?

— Paciencia. Quando a nossa voz não lograsse mostrar o erro de uma tal opção, teriamos de nos curvar, depois de esgotado o derradeiro argumento, ao *veredictum* do tribunal de arbitros, a que sugeitamos o exame da cauza; e iriamos supplicar ao illustre proscripto que nos desobrigasse do preito, que lhe protestaramos, limitando-se, agora, a acceitar-nos o feudo de uma estreme dedicação; e reputariamos o novo soberano, como investido de uma authoridade, que, se ouzassemos combatel'a, ficavamos, por isso, reos de leza-lei e de leza-honra.

— ¿ A' instalação de uma republica, o que não era para esperar-se, visto que tal forma de governo não quadra, segundo cremos, aos habitos, nem ás necessidades, nem ás tendencias, nem ás

tradicções deste povo, que conquistara um logar tam subido na historia da civilização, sôb os influxos da realeza?

— Não importa. Em ella sendo catholica, como o seria, por força, a obra de portuguezes; em ella trajando as vestes da tolerancia; em ella nos garantindo a propriedade; em ella nos conservando a independencia e inteireza do territorio; em ella trazendo um cunho de legitimidade, por que a condição de *legitima* não repugna á republica, a que pode athe assistir o « direito divino », de bom grado, a prefeririamos a essa monarchia bastarda, que para aqui veio, e, assim, imitamos os nossos antigos, que, ha duzentos e onze annos, se dispunham, em ultimo cazo, a antepol'a ao jugo extrangeiro.

Este era o plano dos legitimistas; plano, que os justifica ante os seus correlegionarios, e lhes mereceu a approvação, porque hia direito, por outro *meio*, ao *fim* commum, e que os não desvirtua ante os seus alliados, por que era leal, explicito, e em stricta coherencia com a doutrina d'estes.

E como lhes corresponderam?

E como se comportou o partido progressista?

Dizemos, com grande magoa, « o partido » por que, não acudindo pelo seu credito, não cassando a procuração aos que se intitulavam seus maioraes, não protestando contra os dittos, os feitos e os planos d'elles, deu, e *dá*, a intender que lh'os sancciona e que lh'os perfilha.

Como foi?

Querem sabêl'o?

Desabrochem os fastos contemporaneos.

Conpulsem-nos.

Passem pelo azedume, por que nós temos passado, quando, em virtude do ministerio, a que nos obrigamos, vimos avivar a memoria das nossas dissensões fratricidas.

Leam e attendam.

Em 1846, havia chegado ao seu auge o padecimento geral.

Transbordava o calix do absynto, e a corda, arrochada ao extremo ponto, estava prestes a rebentar.

O governo precipitou a catastrophe.

Com duas leis de tributos — uma barbara, outra; absurda — atiçou o fogo latente, sem reparar que o incendio o innovelaria.

O Minho deu o exemplo, á voz de uma heroica aldeã, e, embreve, o estandarte da insurreição, campeando por todo o reino, roçou pelos muros da capital.

O gabinete tentou defender-se, porem as escoras, em que se tinha, rangeram, lascaram, partiram-se... e elle veio, de um golpe, a terra.

As pastas rolaram no pó; e, atraz das pastas, sejamos claros, rolaria a corôa, por que os sublevados não se satisfaziam com a hecatomba de seis ministros, por que a foice minhota, antes de ceifar os ramos do loiro e da oliveira, que haviam de rematar o vertice da sua obra, mirava á raiz do mal e hia escaval'a.

A crize era seria...

Foi n'este comênos, que os septembristas sahiram.

Tendo observado, anciozos, as phases de um

movimento, que, por mais que se invente, nascera espontaneo, julgaram que lhes cumpria fazel'o *seu* e guial'o.

E guiaram-n'o.

Como? abrindo praça a expansão dos *desejos*, que o vivificavam?

Onde? ao alvo, em que trazia fittas as *vistas?*

Nada. Affagaram o leão popular — verdadeiro leão, pela sua força e pela sua generosidade — adormeceram-n'o, para melhor o açaimarem e lhe amolgarem as unhas, e assim o pozeram, como a rez destinada ao cruento holocausto, em oblação « á rainha e á carta » das quaes se faziam, agora, sacerdotes irreprehensiveis.

Tudo se concertou ás mil maravilhas.

Subsistiam as instituições, só se lhe revezaram os sustentaculos.

Conservaram-se os empregos, só houve troca de empregados.

Com mutação de scenario, era a mesma tragi-comedia.

Bem-aventurado levantamento!

Porem o leão foi entre-abrindo as palpebras, e começou a amolar as garras e a soltar uns rugidos surdos; e, de involta com elles, vinha a *exigencia* de um rei natural.

E indagaram, ao darem por isso, o que aquillo significava? attenderam-lhe a revelação?

Nada. Olharam-n'o, com desdem, de cima da jaula, em que se haviam impoleirado, e infligiram-lhe ao dorso a vara de ferro em braza.

Os ecchos de Traz-os-montes, do Minho e da Beira inda estão estremecidos do silvar dos golpes.

Decorrem tres mezes, eis que apparece, em Lisbôa, uma reacção, que urdida no palacio real, com todas as feições de uma cilada, que, vinda da propria ante-camara, onde, bem pouco antes, se tinha assignado a proclamação, que justificava o pronunciamento, devolve o timão da governança á parcialidade cartista.

No Porto, oppoem-se-lhe e chamam ás armas.

O povo abala-se, presta-se, alista-se . . .

Esquecido da ingratidão, que soffrera, apenas cuida em que o throno o provoca.

Sem reparar nos que o conduzem á liça, o que pertende é descer a ella, porque vae pelejar, por que vae solver uma divida antiga, por que vae concluir a impreza, que principiara, e que o obrigaram a interromper.

E deixam-lhe cumprir os seus votos?

Nada. Declaram, primeiro de tudo, « coacto » o chefe do estado.

Dão-n'o por innocente e por victima aos olhos da Europa.

Publicam que a nação accorrera, não para o expulsar, mas para remil'o.

E, salvando-o do cataclysmo, que hia tragar-lhe o diadema, inredam, demoram, perdem o lanço . . . perdem-se e perdem-nos.

De que valeu, depois, tanto alarde de energia nos aprestes da defeza?

De que servio tanta queixa contra as celebres eleições, a que se procedeu n'esse anno, e contra a reintegração do ministro, que excitara as furias populares?

Se não queriam que as bayonetas de Concha

viessem escrever, a Gramido, os artigos do protocollo, não lhes dessem tempo de cá entrarem.

Se não queriam que esses artigos fossem burlados, mais tarde, não andassem escudando o poder, que devia aspal'os com o pé vingativo.

Assim o quizeram assim o tiveram.

Os legitimistas, é que não estavam já para mais; mudaram de avizo, e deram, por desfeito, o contracto.

E, se inda foi cazar-se o seu brado, com o brado de reprovação, que os progressistas erguiam, ao condemnarem as demazias da authoridade, e as penas de uma inquizição, que tinha por mero fim, opprimir a imprensa e agrilhoar o pensamento, sós os deixaram, e entregues a si proprios, quando, no proximo Abril, promoveram, no Porto, a sedição militar;

Quando trouxeram a espada de um general, já expatriado, para a virem lançar, como se fôra a de Brenno, na balança dos nossos destinos;

Quando, collaboradores da, alcunhada, *regeneração*, ao convite, que se lhes fazia, para entrarem n'uma concordata, que a nenhum deshonrava e que a todos convinha, responderam com a proposta de uma abdicação, como a melhor das soluções possiveis;

Quando, ao amanharem essa lei eleitoral, a vazaram n'um molde acanhado, e lhe pozeram em cima o tope « azul e branco, » que, dando-lhe um character facciozo, arredava — e arredou — da urna, a maioria dos portuguezes;

Quando consentiram, por que se calaram, nos desperdicios de uma promoção, que não tem parelha

na historia, e na erecção de um tribunal esteril, cujo unico intuito é accommodar afilhados;

Quando deixaram em meio as protestações monarchicas, para saudarem a democracia, na pessôa do dictador ungaro;

Quando, com a lista na mão, caminharam ao triumpho, ao podêr ... por que o poder é seu.

E'. O partido progressista governa— de direito, senão de facto, *por ora*.

E os seus recursos?

Os physicos, já sabemos quaes são.

Os moraes, que devem ser considerados como a alma d'aquelle corpo, convem que agora os pezemos para se calcular se a sua victoria será duradoira, ou se o Capitolio vae converter-se-lhe em Rocha Tarpea, e, tambem, para conhecermos, que é o que mais nos importa, se ha d'alli a esperar-se proveito, ou prejuizo.

A que aspira elle?

Para onde vae?

Que é do seu programma?

Que principio abraça?

Quer a republica democratica?

¿ Então como sanccionou as instituições monarchicas, na constituição de 1838? como reverenciava a corôa, durante a revolta, que teve Torres-Novas, por berço, e, por sepultura, Almeida? como *torceu* a insurreição do Minho, para que não chegasse ao piristillo do paço? como forjou a fabula da « coacção, » por deixar uma escapúla á dynastia agonizante? como se recuzou a consultar a vontade publica? como propunha a abdicação, reconhecendo, assim, a heredetariedade? como estipulou aos deputados a clauzula de *jurar* a conservação da realeza? como accelta

mercês aristocraticas? como se infileira na côrte? como tem protestado a sua adhezão ao throno, labutando por defender-lhe a *legitimidade*, e pregoando, em alto som, que só se desvela em « consolidal'o ? »

Quer a monarchia reprezentativa?

¿ Então como proclama a soberania « absoluta » do povo, rompendo, por esse modo, o *equilibrio* constitucional? como se rebellou contra a «prerogativa» em 1836, em 1842, em 1846 e em 1851? como desconhece a theoria de que « o rei é inpeccavel » que é a base d'aquelle systema? como desfecha o raio das suas iras, e, inda mais — o dos seus insultos sobre a filha do snr. D. Pedro? como a onera de uma *responsabilidade*, que recae, toda, nos seus ministros? como lhe indica que renuncie o sceptro, depondo-o nas mãos de um regente? como faz a apologia do socialismo? como cercou a Kossuth d'incensos? como não guerrea os projectos, que ahi circulam, de uma união iberica?

Quer, acazo, a monarchia do direito?

Oh! essa... é bem claro que não.

Abomina, a eito, os que a reprezentam; e nem si-quer poupa aquelles, que, como Carlos VI e Henrique V, expiaram, innocentes, no exilio, os erros de suas raças, e, não tendo feito inda estrêas, que possam dar margem a que os *calumniem*, promettem á França e á Hispanha, liberdades, bem mais sinceras, do que essas, que *disfructaram* sôb a espada despotica de Cavaignac e Espartero.

¿ Que é, pois, o que quer, n'este cazo,

Pondo, um pouco, a toga tribunicia, e, outro pouco, o manto do aulico,

Adorando, hoje, a côroa, e, amanhã, o *bonnet rouge*,

Vociferando, agora, que nem um Graccho, e esgrimindo, logo, que nem um Arunte?

O que se inferira de contradicções, tam palpaveis, é — que este partido não tem norte fixo, e que, servindo-lhe quaesquer ventos, surgirá no primeiro porto, que se lhe depare, — se não se suspeitasse, inda mal, que já está contaminado do contagio, que ahi reina, que se deixou fascinar pelo « bezerro d'*oiro* » e que, revestindo-se, como Protheu, de varias formas, e, de cores diversas, como o camaleão, se amolda a todos os principios, adopta todos os programmas, infia por todos os caminhos, e patentea todas as aspirações, com tanto que atraia os favores da fatál divindade da epocha.

Ai! e o que, uma vez, firmou, com seu sangue, a cedula ao demonio do *lucro* — inda ha pouco, aqui o dissemos, referindo-nos aos cartistas — não crê, não espera, não ama, e não é susceptivel da abnegação.

Se faz que melhora, devasta.

Se faz que poupa, dissipa.

— Mas esse juizo é erroneo; — accudirão alguns.

— Aquellas contradicções são indispensaveis. Não ha outro remedio. Vae-se andando com os successos. Põe-se a mascara, quando o cazo o exige. Contemporiza-se; e o ponto é estar *de dentro*, quando chegar o ensejo . . .

Pois concedamos-lhes que seja assim.

Façamos de conta que o que se procura, é vendar a diplomacia, adquirir a gerencia em todos os

cargos, e preparar o terreno, á sombra da carta, reformada... ou não reformada;

Demos-lhes de barato que o que se dezeja, é, com effeito, a republica;

Que republica é essa, então?

¿ E' a que — despontando do assenso geral da nação, ornada dos requizitos, que, como o escrevemos, lhe exigiam os legitimistas, para que a acceitassem, de preferencia a um rei extrangeiro, ou intruzo — pode pleitear o dominio á monarchia tradicional, por que tambem se funda n'um principio robusto?

Não. E' a que, procreada no amâgo da corrupção *liberal*, tem de sahir a lume, a um signal de Mazzini, ou sanguinolenta, como as barricadas, ou mentiroza, como uma empalmação.

E' a que ha-de sernos imposta, sem que se nos permitta que a recuzêmos, segundo Proudhon o declara, fazendo-a « superior á *vontade* publica. »

E' a que travará alliança com a mão sacrilega, que derrubar a thiara, para pôr o *racionalismo* na cadeira de San Pedro; a que não soffrerá que os seus adversarios a sugeitem á analyze; a que monopolizará os têres de cada um, repartindo-os, a seu talante, depois; a que apagará na geographia o nome de Portugal, fundindo-nos com a Hispanha; a que não curará de *legitimar-se*, por que o seu direito consiste na força.

E' a que portadora do virus revolucionario, não pára, caminha sempre, athe sumir-se no cahos da destruição, tal, qual Lourdoueix lh'o prognostica.

Sim. Se *se aguarda* uma republica, é esta.

E' esta. Não outra. Fiquemos n'isso.

E, inda quando o partido progressista, a que não fazemos a injuria de o suppôr divertido, como Nero, em Roma, no meio das lavaredas, e a que, pelo contrario, rendemos justiça, julgando-o inimigo de taes horrores, — ao sentir que a fabrica, que traçara, se transfigura, desaba, e o arrebata na queda, lhe deitasse a mão para amparal–a ¿ que obteria ?

Quem impedio jamais que as aguas da catadupa, em lhes rompendo a repreza, se precipitassem, com fragor medonho, buscando o seu *centro-de-gravidade?*

Quem poude nunca, em queimando a escorva ao morteiro, suster a bala, que zune pelo seio das nuvens ?

Lamartine, o sincero historiador dos Girondinos, o propheta d'aquella Sião, que lá está assentada nas margens do Senna, bem chorou sobre os montões de cadaveres, trucidados em *Junho*, durante a embriaguez sanguinaria dos seus satellites no Hotel-de-ville; bem apodou de « louco » o *socialismo*, correndo-se de vergonha pela degeneração dos seus discipulos.

E que conseguiram os seus eloquentes *conselhos* e as suas lagrimas tocantes ?

A revolta de Junho, que succedera á de Fevereiro, como esta descendera da de Julho... não tarda que se repita !

O socialismo de Barbés, que desalojava a republica de Dupont, como esta deitara do tablado abaixo a realeza de Lafayette... não tarda que reappareça!

Tem de ser: a logica é inplacavel.

E o que se collige, a final, de quanto levamos ditto ?

Collige–se uma triste verdade.

E' que do partido progressista — quer n'uma,

quer n'outra hypotheze — pouco deve, infelizmente, esperar o paiz.

Que importa que possua recursos physicos, se menos-preza os moraes?

Que importa que incerre *individuos* de prestimo, se procede *compacto* sôb instrucções ruinozas?

Que importa que tenha possibilidades de fazer bem, se as esperdiça?

Pouco temos, por tanto, a esperar d'alli; por que não é ao clarão do facho revolucionario, nem, com o egoismo, por timbre, que se congraça um povo e se restaura um estado.

V.

Resta o partido legitimista.

E será este o eleito de Deus para o mister de remir–nos?

Afigura–se–nos que sim.

Por que? pela excluzão dos seus competidores?

Não é só por isso.

E senão ... affirmae–vos n'elle; estudae–o meudamente; afferi o vosso juizo, pelo fiel da equidade ¿ que achaes?

Por ventura assimelha-se áquelle, que ahi fôra estendido, sobre o leito de Procusto, pelos criticos *liberaes* de toda a Europa, e contra-feito, e desconjuntado, e cozido de gilvazes, para que ficasse hediondo, inhibido de reabilitar-se?

Pois é o mesmo! Curou-se; sarou; nem já se lhe conhecem as cicatrizes. — Varreu-lh'as, pouco a pouco, o *tempo*, que sempre foi o arauto da verdade e o vingador da innocencia.

E' o mesmo. Reabilitou-se. — Já póde apparecer perante a Europa e merecer-lhe a attenção, e captar-lhe o respeito.

Vede-o bem...

Que vos parece?

Um partido consideravel pela sua grandeza, pela sua força, e pela sua vitalidade.

E, para que se reconheça que não ha n'isto paixão, porem sò justiça, vamos dar a razão do ditto.

E' grande, por que contem:

A maior porção do clero,

Dous terços da aristocracia,

Quasi todo o povo,

Fabricantes, dedicadissimos ao progresso da nossa industria,

Mercadores probos,

Capitalistas, poderosos,

Magistrados, tam rectos, como doutos,

Officiaes, cujos nomes andam ligados a' feitos preclaros, e cujo braço está prompto a servir a *patria*.

E mancebos, energicos, indomaveis e generosos, muitos dos quaes se estremam nas lettras e cingiram a corôa nas academias, no theatro, no fóro e nas assembléas politicas.

Está forte, pela sua união.

União prodigioza!

Quem ha que lh'a negue?

Se, nos primeiros periodos do seu infortunio, quando, nem, ao menos, podia revolver-se com as dores do flagicio, nem balbuciar um gemido, sem que tres nações colligadas lhe viessem dizer, fincando-lhe as armas ao peito — « *aguenta e... cala-te* » — se, então, discordaram os seus membros nos meios, de que uzariam;

Se uns, de animo franco, sopporndo que esse era o modo de valer, com mais segurança, á terra, em que nasceram, occultaram a sua diviza e se fundiram com os septembristas, que recorriam, segundo mostravam, ao suffragio universal;

Se outros, de espirito cauto, receando condemnal'a a maiores damnos, se annularam, e foram soffrendo, resignados martires, a perseguição, o homizio, e a quebra nos seus haveres;

Se outros, de coração ardido, tentando libertal'a, *depressa*, e a todo o custo, se apercebiam para vir ao campo, como, emfim vieram, aspergir de seu sangue heroico, uma briga renhida, e cujo exito havia de ser-lhes, qual foi, adverso;

No momento, em que o senso-intimo — que ha senso intimo nos partidos, assim como o ha nos homens — lhe marcou, evocando-o, o logar, que lhe tocava, desappareceram as divergencias entre as partes d'aquelle todo.

Os que eram insoffridos, convenceram-se de que convinha *aguardar*.

Os que estavam apathicos, assentaram que era tempo de *se moverem*.

*

Os que tinham militado n'outras alas, d'onde traziam, por premio, o desingano, correram para a *sua* bandeira.

Todos os arbitrios se diluiram n'um só.

Desde o Minho athe ao Guadiana, desde as ilhas athe ao Brazil, foi, logo, uma unica vontade, um unico brado, um unico proceder, uma unica disciplina, um unico *meio*!

¿ Intende um nobre que deve repellir o convite, com que o requesta o governo, para que troque os seus brios por um diploma de par?

Repellem-n'o *todos*.

¿ Declara um soldado que prefere curtir a miseria, e alimentar os seus filhos com o pão, que adquire, pelo suor do seu rosto, ou que mendiga, de porta em porta, a umas dragonas, sem brilho, que lhe fariam, da farda, a camiza do centauro?

Fazem *todos* declaração identica.

¿ Delibera uma provincia que se abstem da urna, para, assim, protestar contra o codigo, que alli a chama?

Deliberam todas o mesmo.

E sempre as minorias, a cederem ás maiorias com uma independencia spartana!

Ressumbra vitalidade, por que é, sem contradicção, de todo o nosso corpo social, o ponto menos eivado da gangrena commum, por que é onde latejam, mais alto, as arterias nacionaes, por que é alli que inda existe, entre a cinza, uma faisca de fé, que inda pullula, entre cardos, uma flor de esperança, que inda se ouve, entre a celeuma das pragas, uma palavra de amor.

Não o estão provando os seus actos?

¿ Que significa a devoção, com que véla, como o levita piedoso, no centro dos ammonitas, pela arca-sancta dos seus principios, e a coragem, com que professa o seu dogma, na prezença de Deocleciano, e a firmeza, com que interpretra, aos de Babylonia, o terrivel « Mane », que elles por ora, não vêem, mas já pressentem gravar-se-lhes na parede de seus paços ?

Que o domina um capricho ferrenho — dizem os Szaffies da politica.

Que o guia a crença — dizemos nós.

¿ E que se deprehende da inflexibilidade, com que recua ante o throno, em que se assenta um rei, que não elegera, com que impugna uma lei fundamental, em que não collaborara, com que regeita os arminhos do pariato, as cadeiras de deputado, os postos do exercito, os empregos, as honras, os titulos, e toda a ingerencia na acção governativa ?

Que despreza os seus *interesses*, por cauza de uma quimera — dizem os Harpagons da agiotagem.

Que o nutre a esperança — dizemos nós.

¿ E que annuncia a franqueza, com que profere o « *pequei !* » de David, em frente de inimigos e amigos, e a resignação, com que traga, muita vez, as injurias, só para não ferir susceptibilidades, e a tolerancia, com que abre os braços aos que o excruciaram, e a magnanimidade, com que propunha que se commettesse ao *voto geral* o exame da sua cauza, e a lisura, com que declarou que só coadjuvaria, em uma *solução pacifica*, os, chamados, regeneradores ?

Que trata de nos inganar, cobrindo, com rozas, o áspide — dizem os Hobbes da revolução.

Que o anima a fraternidade — dizemos nós.

Ora, o que não está sceptico, nem indifferentista, nem cego de odio, possue n'alma as sementes da temperança; e a temperança é a mestra da economia.

Logo, temos que este partido, ou o consideremos materialmente, ou espiritualmente, é o que pode bradar a Portugal, paralitico: *tolle grabatum tuum et ambula!* e verter o balsamo da concordia sobre os bandos, que se gladiam, á similhança de feras, que, depois de matarem os gados, se devoram mutuamente, no circo, ou, como as brazas de um grande incendio, que, havendo lambido, coroadas de lavaredas, os templos e as cazas, acabam por consumir-se, umas ás outras!

Mas já estamos ouvindo os cartistas e os democratas, que vêem redarguir-nos, em côro:

— Pois sim. Atho ahi bem hiamos. O peor é o mais. ¿ Quem nos preservaria das consequencias, que trazem comsigo os principios d'elle?

Era o que nos faltava!

Um systema despotico, oiriçado de lanças cossacas,

O *sanbenito* a condecorar a sciencia,

O governo nas mãos, só, de padres e fidalgos,

Os capitães-mores, a esfolarem o povo,

Os direitos-banaes, em pé,

Uma administração cachetica,

A liberdade tolhida,

A imprensa muda,

A tribuna vazia,

A mocidade, coagida a renunciar aos triumphos do genio, ou a prostituil'o, em odes inconsci-

enciozas, a um rei Dejoces, que veda, sob penas gravissimas, que lhe olhem para o rosto, direito,

O burguez, despojado do adorno, como a gralha do apologo, e circumscripto á sua loja,

O artezão, sem *fallarem n'elle* . . .

Emfim, uma sociedade, escrava, beata, cortezã, ridicula, infezada, estupida e anachronica!

Nada. Não pode ser. E' contra a civilização.

Não é do seculo.

E sabe-se que, com effeito, é esse, e não outro — talvez opposto diametralmente — o resultado dos principios do partido legitimista?

Não tomêmos as coizas pela pôlpa; desçamos-lhes ao amago, e depois fallaremos.

Convem pôr tudo bem claro.

O conselho de Berryer vale mais que o de Machiavel.

VI.

O partido legitimista — intendamo-nos — nem desconhece a epocha, em que vive, nem conta voltar aos erros, de que já se penitenciou.

O seu programma é simples, como os seus principios, principios de rija tempera, em que se imbota o aço dos Damiens, mais raivozos, e que, purificando-se — qual o asbesto, no fogo — nas commoções philosophicas, politicas e sociaes, ahi estão resumidos na legenda, que ingastou no seu escudo:

Deus, patria, e direito.

Elle reconhece o Ser Supremo, unico, infinito, immutavel, fonte de todo o bem, de toda a verdade, de toda a sciencia, de toda a força, de toda a grandeza.

Admira-o, nas harmonias do universo, que, á sua voz, sahira... do nada; na cadeia insondavel dos seculos, chumbada, por sua mão, em padrões misteriosos; nas sublimes faculdades da alma, infundida no homem, com seu sopro.

Segue-o, na religião, que instituira — quando, em Bethlem, quiz dar-nos o exemplo da humildade, escolhendo, para berço, uma arribana, quando profere, no templo, a licção da indulgencia, escolhendo, uma adultera, para desculpal'a, quando nos insina, no Golgotha, a soffrer com constancia, elegendo, para altar do holocausto, um madeiro de opprobrio — que instituira, sim, e que, instituida, a confia a Pedro, como primeira *pedra* da egreja « contra a qual não prevalecerão as portas do inferno » como depozitario de podêres augustos, que, transmittidos, de pontifice a pontifice, residem, intactos, hoje, no infeliz Pio IX;

N'essa religião, que assomando, novo sol, no horizonte, faz descorar os symbolos do paganismo, que, erguendo o espirito acima da carne, regenera a sociedade combalida, que, renovando a alliança entre o creador e a creatura, abate o sceptro dos Cezares, estendido por sobre as turbas, que, diffundindo, no orbe, a paz, torna irmãos todos os povos, que, elevando a mulher, de escrava, a companheira do homem, sanctifica a familia, que, abolindo o *direito da*

força, ao passo, que impunha, ao ricco, a obrigação de repartir com o pobre, garante, ao mesmo tempo, ao pobre, a egualdade, e a propriedade, ao ricco;

N'essa religião, que, repassada pelo amor, que, fortalecida pelo martyrio, que, illustrada pela doutrina dos sanctos padres, leva o conforto, a coragem e a luz a todos, que nos expurga, na infancia, da macula original, que nos abre, nas procellas da vida a piscina da penitencia, que nos mune do pão celeste, nos transes do passamento, que nos troca a cegueira em claridade, os espinhos em rozas, e as vascas da morte em escadas do céo;

N'essa religião, de dogmas tam claros e tam severos, que o mais rude de seus sequazes arrosta, combate e vence o mais *sabio* dos philosophos, desde Lucrecio athe Quinet, desde Leucippo athe Proudhon, desde Anaximundo athe Perrey;

N'essa religião « que — como exclamava Montesquieu, maravilhado — faz completa a dita d'esta vida, mostrando que só tende á ventura da outra; »

Na religião... ..catholica, emfim!

Elle ama esta nesga da peninsula, que aqui está incravada na orla do occidente, e que, á similhança do Egipto, nas margens do seu lago viuvo, se mira tristemente no Atlantico, que já não povôa de frotas.

E, antepondo-a a quantas ligações o attraiam, a quantas bandeiras o repillam, a quantos interesses o dominem, anima quaes-quer glorias, de que a cerquem, venham lá d'onde vierem, apoia, sem curar de quem lh'os promove, os melhoramentos, de que a inriqueçam, bem-diz, seja quem fôr, aquelle, que a defender, lealmente, na sua independencia, independencia de sette seculos, e, que, cimentada nos

destroços do crescente, sentio resvalarem-lhe, na cotta, as unhas do leão de Castella e as garras da aguia de França!

Não tem, não acceita outra mãe.

E, por mais mau pago, que tire, nunca ha-de chegar a negal'a, e a negar-lhe a herança de seus ossos, como Scipião — africano, mas antes bradará, de continuo, invertendo o verso de Owen:

« A minha patria é onde nasci, e não onde me dou bem. »

Elle sabe, por que a historia dos homens e dos povos o está avizando d'isso, que a liberdade, de que publicam que medra no sangue, que o progresso, de que affirmam que brota das ruinas, que a egualdade, de que espalham que se logra na revolta, quando o humilde derruba o potente, que a justiça, de que dizem que consiste no arbitrio de mudar de governo, a cada passo — só florecem no seio da paz.

E d'onde vem a paz, senão da ordem?

E em que se firma a ordem, senão na solidez?

E de que nasce a solidez, senão da authoridade?

E que *legitima* a authoridade, senão o direito social, que, provindo de Deus, como *todo* o direito, se exerce *por leis, analogas aos uzos de cada povo,* e está, entre nós, por ora, ligado á *forma* monarchica, por que ainda senão rompeu o PACTO FUNDAMENTAL?

Sabe-o, e, portanto, atem-se a este *direito*, que, metendo-se, de per meio, entre a uzurpação e a anarchia, se chama « legitimidade. »

Porem, pode ser-se legitimista, e debellar o

« *systema despotico*, » que, ou proceda dos reis, ou dos tribunos, é sempre abuzivo e tyrannico;

Pode, e não consentir que os « *fidalgos* » monopolizem os cargos publicos, por que seria trocar um excluzivismo, por outro, por que era expulsar um corrilho, para pôr, em vez d'elle, uma classe, com quanto respeitabillissima pelos feitos, que reprezenta;

Pode, e votar contra os « *capitães-mores* » assim como contra *todos*, os que andarem, forrados, segundo Sá de Miranda, com a pelle do povo;

Pode, e abolir os « *direitos banaes* » para que não resuscitem, em damno da industria;

Pode, e crear uma administração, que não se resinta de « *cachecia* » e que, tendo, sim, um cunho de indigena, combine os desinvolvimentos, que a sciencia fez n'este ramo, com o estado das nossas finanças;

Pode, e, seguindo os impulsos proprios, e os dictames de Chateaubriand, que reputa a liberdade como o unico apoio dos thronos legitimos, puguar affincadamente por que *todos* sejamos « *livres*, » tam livres; quanto o já fomos, e, visto que os tempos são outros, inda mais do que o fomos, antes que a monarchia de D. Diniz, o exemplar da intelligencia, de D. Pedro I, o modelo da justiça, e de D. João I, o typo da nacionalidade, se relaxasse ao ponto, a que chegou, por ultimo;

Pode, e deixar « *desafogada* » a imprensa, que, sendo uma necessidade irrecusavel da epocha, e o vehiculo da civilização, e a atalaya constante da segurança publica, se faz de cabeça de Meduza para com os comprehendidos em delicto, serve de crysol, quasi sempre, á honra calumniada;

Pode, e manter a « *tribuna*, » para que alli retina o pregão da verdade, embora incommode os Varennes, que lhe fecham a porta e os ouvidos; e que muito é que se assente agora na convocação periodica das cortes, como coiza salutarissima, se já, em 1438, se assentou n'isso, em Torres-novas?

Pode, e, longe de tolher á juventude os « *triumphos do genio* » — pondo-a, por thuribularia deante do throno, onde os « *Dejoces* » são impossiveis, depois do ditto de Moore, e d'onde, pelo contrario, devem vir as primeiras palmas — aplaudir-lh'os, promover-lh'os, e franquear-lh'os;

Pode, o admittir ao « *burguez* » sobre tudo se tem merito, os brazões, que alcançou, o logar, que obtevo, e os direitos, que adquirio, na transformação social, por que inda vamos passando...

Pode, e « *fallar do artezão* » não para o imbahir com lisonjas, que o vento leva, mas para lhe haver o pão, se, por desgraça, chegasse a escacear-lhe, o trabalho, mas para livral'o d'estes novos Anasthacios, que athe o fintam pelo ar, que respira;

Pode, e não se ser « *cortezão* » e não tolerar o « *ridiculo* » e não viver no « *infezamento* » e não sanccionar a « *estupidez* » e não consentir « *anachronismos.* »

Nem o ser-se portuguez do lei indica que se procure, porem sim que se engeite o auxilio dos « *cossacos* » cujas « *lanças* » são aqui tam extranhas, como as armas francezas, hispanholas, inglezas, polacas e belgas, que teem deflorado este solo, e não podem nunca concorrer para uma obra, que, sendo de naturaes e para *todos* os naturaes, naturaes admitte, só, por obreiros e por guardas;

Nem tambem se segue que, por se ser catholico, se seja « *beato*, » por que a religião de Jesus-Christo, singella, estreme, e verdadeira, como é, não approva o fanatismo, condemna-o;

Ou que, por se procurar a exaltação do clero, que ahi jaz n'um vergonhozo abatimento, haja de se lhe pôr « *nas mãos, o governo* » e se lhe deixe devorar a metade da terra, como alguem julgava, por que o seu sacerdocio tem limites, e, cumprindo-lhe tudo, o tocante a Deus, não lhe cabe invadir o que é de Cezar;

Ou que, por se corrigir a « *sciencia* » quando ella desvaira, se lhe pendure o « *sanbenito* » ao peito, por que a ideas só convem oppôr ideas, por que o Divino Mestre convida, e não obriga, a que o sigam, por que contra as trevas dos discipulos de Estratão, que explicava tudo sem um Ser Increado, contra o egoismo dos proselytos de Stirner, que admittia, apenas, a religião do interesse, contra o orgulho dos adeptos de Carstadt, que queria refundir o christianismo, póde mais uma pagina de Frayssinous, do que todos os rigores de Mendoza. Póde, que das fogueiras do cardeal supersticiozo sahia o clarão, que abraza, e dos livros do prudente bispo derrama-se a luz, que esclarece.

¿ Que ha, pois, a temer de um partido, que invoca taes principios, e de uns principios, que teem taes consequencias?

As objecções, que nos punham, estão desfeitas.

Mostramos que o legitimismo é tam distincto do retrocesso, como o progresso o é da revolução.

¿ Que duvidas ha, inda, portanto?

¿ Soppõe-se, que a um carlista ou a um septem-

brista é tam defezo o campo do legitimista quanto a este é vedado o d'aquelles ?

Soppõe-se mal.

O legitimista não pode, sem que infrinja os seus tres dogmas, nem acceitar a bandeira da carta, nem a da demagogia;

Nem reconhecer o *facto*, consummado por *extrangeiros* e estreado no *sacrilegio*, nem annuir á *anarchia*, que leva á *união iberica* e á desobediencia ao *papa*.

Mas a elles, aos outros, tanto ao cartista, como ao septembrista ¿ que os impossibilita de se gruparem em redor do pendão *branco*, que reprezenta a aûzencia de *todas* as côres; e symboliza, por isso, a paz?

¿ Por que lhes repugna entrar n'um templo, que acolhe, *sem distincções*, a quantos crêem na religião, a quantos amam a sua terra, a quantos acatam a lei; e que é, por isso, o local mais proprio para que *todos* se juntem, se fallem, se perdôem, se avenham, e se abracem?

Este diz-se conservador? dezeja a ordem firmada e garantida a propriedade?

Nenhures lhes achará apoio mais certo, do que á sombra do catholicismo, da nacionalidade e do direito.

Est'outro chama-se progressista? desvella-se pela liberdade, pela egualdade e pela fraternidade?

Nenhures as logrará mais genuinas, do que onde impera a legitimidade e o patriotismo e o evangelho.

Que mais se allega, então, agora?

Quaesquer objecções, quaesquer duvidas, com que venham, é desinganarmo-nos, esvaecer-se-hão por si mesmas; e, se é licito uzar-se de uma tal com-

paração — assim como aquellas nuvens, que velam, por um instante, a face dos astros, para os deixarem, depois, fulgir com esplendor dobrado — só servirão de mostrar-nos, em toda a sua grandeza, o partido, que é, com effeito, bem o tinhamos nós previsto, o escolhido por Deus, para remir-nos, e, em toda a sua verdade, os principios, que o guiam e de que conta valer-se em tam ardua tarefa.

Conta ¿ Querem ver o que elle fazia, se a politica externa, ou interna, lhe desse a iniciativa na nossa reconstituição, isto é, se a Europa, convencida de que era tempo de levantar á anarchia, em toda a parte, um muro mais forte, do que o dos *factos*, lhe dissesse: « vae, e cumpre a missão, que te coube, sem temor de que te dictem condições em caza » ou se os *liberaes* portuguezes, fatigados de brigar uns com os outros, lhe clamassem: « vem, e livra-nos de nós mesmos, que estamos promptos a auxiliar-te, seguindo, á risca, os teus conselhos »

Convocava immediatamente os tres – estados — e não se infira d'aqui, que ficaria sendo para o futuro, esta, e não outra, que *alli* se julgasse ser mais adequada ás circunstancias da actual sociedade, a *forma* da reprezentação nacional,

Convocava-os, visto que, não podendo alterar-se a lei fundamental, como uma lei ordinaria, porem sim, unicamente, do modo, por que foi feita, só n'elles reside o direito de *propor* e *acceitar* as reformas da constituição, tal, qual, a revolta a achara, quando a despedaçou,

Convocava-os, esmerando-se, longe de obstar á concorrencia dos que professam diversas crenças, em fazer com que todas as classes e todos os partidos ahi

fossem representados, não só para arredar de si a imputação de que entrara n'isto com animo faccioso, mas tambem para apurar o que fosse mais util, por que a verdade faiscaria, necessariamente, na confrontação d'esses interesses e d'essas opiniões.

Convocava-os e offerecia-lhes os seus principios, como triplice baze, sobre a qual, de COMMUM ACCORDO, se reconstruisse o edificio social, edificio compacto, vigoroso, estavel, independente, livre, onde se tributasse egual homenagem ás glorias do passado e aos progressos do prezente, onde se confundisse a nobreza do sangue, vinculada em timbres seculares, com a nobreza da illustração, adquirida nas lettras, nas armas, no commercio, na industria e nas artes, onde se fortalecessem reciprocamente o rei e o povo, por que a monarchia — instituição fecunda, que tem em seu favor a philosophia e a historia, que quadra, mais que nenhuma, á ventura publica, por que approxima o estado á familia, que a nós, nos convem, sobre todas, por que anda apegada aos nossos habitos e ás nossas recordações — a monarchia, dizemol'o sem receio de expender um paradoxo; é a alliada natural da democracia, e a sua unica egide contra a lepra da agiotagem.

Depois, n'este parlamento, portuguez ás direitas, consagraria o seu zelo, alem da reforma social e politica, aos melhoramentos moraes, administrativos, economicos, ecclesiasticos, civis, militares, diplomaticos, e materiaes:

Pugnaria por tudo aquillo, que podesse instruir, morigerando — como a diffusão do insino, mas confiada a mestres dignos, e, sobre tudo, aos parochos, que, se forem escolhidos com o tento precizo, são,

com certeza, os mais proprios para repartir, em pequeninos, o manjar do espirito, ao povo; como o augmento de cazas de azylo, para a infancia desvalida, mas onde se lhe incutisse o apêgo ao trabalho, que é grande preservativo contra a peste das revoltas; como a creação de lyceus, mas de que brote a luz, e não as trevas, a orthodoxia, e não o erro; como a liberdade da imprensa, vasta, illimitada, sem ficar sugeita ao principio materialista, que exige o censo aos editores, antepondo, d'esse modo, a riqueza, á probidade, mas com o devido stigma para os que a rebaixem, de sacerdocio a mercancia, e ou insultem a religião, blasphemando, ou, calumniando, aggridam a honra; como a erecção de theatros, mas onde a arte — nobilissima arte — exerça a missão mais alta, que sempre teve, que é *castigar* o vicio, sem perverter a innocencia; como o estabelecimento de institutos, mas cujos loiros galardoem o genio e estimulem a virtude, ao mesmo tempo.

Insistiria em que se desse amplissimo desinvolvimento e unidade strictissima ao elemento municipal; que as municipalidades, sendo, como são, o complexo de interesses analogos, e exprimindo, por isso, o direito *commum*, o mais natural dos direitos, que assistem a cada individuo, carecem de se ligar estreitamente n'um systema de assimilação, que, tam salutar como fertil, garanta, com permanencia, a liberdade publica, estabeleça, sem risco, o *suffragio universal*, faça recahir a eleição no verdadeiro merito, dê ás localidades, por advogado, o que mais souber do que as interessa, confie ao povo a gerencia *administrativa*, destrua a centralização, e sêja,

n'uma palavra, o laço *exterior* da sociedade, inlaçada *internamente* pelo christianismo.

Dar-se-hia, com affinco, á questão financeira, que, como todos concordam, é uma das mais vitaes e a mais inextricavel, com que ahi se anda a braços. E, posto que não possua a capa benefica, com que Dario cobrio a Samos, nem se arrogue a sciencia de um Law, nem saiba a alchymia de Cagliostro, espera, se não eximir — o que era impossivel — ao menos, alliviar, de tributos, o povo, e rehaver o credito, e amortizar a divida. E os meios, que empregava, são simples. Limitam-se ao cercêo do orçamento, o que era um resultado logico da reforma, que se operasse: á facilidade na arrecadação, que é hoje tam complicada, sobre ser tam moroza, e deixa, a pretexto de descontos, quasi a metade das rendas, pelas mãos dos cobradores: á garantia, offerecida pelos que reprezentam a propriedade e o capital, que logo acudiriam a apoiar um governo, em que viam personificado o principio da estabilidade: ao mais austero respeito pelos contractos, já celebrados: a uma escolha escrupulozissima de funccionarios, exigindo-lhes responsabilidade, até por um só ceitil, desviado dos cofres: á desinvolução de impresas de industria, que, accrescentando a *receita*, diminuissem a *despeza*, por acommodarem gente, que, á falta de outros recursos, solicita um cargo publico e sobrecarrega a fazenda: e á applicação rigoroza de todas as economias para os credores do estado.

Trabalharia por erguer o clero á altura da sua dignidade; começando por educal'o, por esclarecel'o, por obrigal'o a rehabilitar-se para o ministerio, que

exerce, e concluindo pelo dotar, por que convem manter-lhe a independencia, evitar-lhe humiliações, e impedir-lhe que ultrapasse o campo espiritual, para vir, ao temporal, *pleitear* o alimento.

Proporia que se simplificasse a nossa legislação, mais inrevezada, que o labirintho do Moeris; e, tornando-a, a um tempo, como Bacon o aconselha acommodada á justiça e commoda á execução, evitar-se-hiam, ás partes, prejuizos tam graves, quanto o são os abuzos, que os juizes practicam.

Impenhar-se-hia na reorganização do exercito, que, sendo o herdeiro de tradições gloriozissimas, quaes nenhum povo as têm depois de Roma, não póde continuar na condição, a que o condemnaram; e, sem desattender *direito algum*, havia de conseguir que a disciplina se restabelecesse, que as insignias militares só fossem a remuneração de verdadeiros serviços, e que as espadas portuguezas, em logar de se prostituirem a ser escoras de ambições de bando, ou de se insanguentarem no fratricidio, ou de cahirem — oh vergonha! — nas bainhas, em prezença das hostes extrangeiras, voltassem, de novo, a ser, sustentaculos da lei, protectoras da nação e açoites dos invasores.

Porfiaria em que dessemos incremento á marinha, inda que isso nos custasse sacrificios; pois que a marinha, em que fomos tam celebres, desde que aprisionavamos as gallês de Gamir, até que o pendão das quinas se arreava, incolhido, ante um vapor britanico, desde que, á voz d'el-rei D. Diniz, se tirava uma armada dos pinhaes de Leiria, então nascentes, até que por ordem dos ministros da carta, se punham em almoeda, os nossos vasos, talvez que para os

livrar de apodrecerem nas Lamas, cançados de accarretar, cantores, para San'Carlos, e hystriões, para San'Bento, a marinha, contra a qual, parece que se nos conspiram, alem dos homens, os elementos, por que, se um tufão nos desmastrea uma náo, as vagas nos desarvoram uma corveta e as chammas nos ingolem uma fragata, a marinha, em que inda podêmos ser muito, se soubermos fazer uzo das madeiras, que temos, na Europa, na Africa e na Azia, para a construcção de frotas, não só de guerra, mas tambem de escombro, a marinha.... é das primeiras urgencias de uma nação, como esta, essencialmente navegadora. Sim; só reimpunhando o sceptro, que accendera invejas no maior almirante, que inda houve no mundo, o sceptro, com que varremos os mares da China e dominamos o mediterraneo e abrimos, ao occidente, tanto thesoiro incognito, manteremos a integridade d'este chão, a pezar das desvantagens geographicas, que o sobordinam á Hispanha, e medraremos, outra vez, no commercio, especialmente pelo ingrandecimento das nossas possessões ultramarinas, que são tamanhas e que, bem exploradas, e, colonizando-as com os proletarios, que ingrossam, entre nós, o pauperismo, se não emmigram para o Brazil, bastam, sò ellas, a abastecer-nos da maior parte das coizas, que agora importamos.

Demonstraria, até á evidencia, que os cargos da diplomacia só devem ser commettidos a quem reuna, ás lettras, o amor-patrio, para que sejam reprezentados, lá fóra, os interesses da nação, e não os de um partido, para que haja, em cazos de affronta, um despique tal, que deixe o nosso credito sem maculas, para que, ponderadas cordata-

mente as vantagens *reciprocas* — como cumpria que se fizesse quando foi do rio Douro — conseguissemos tratados de commercio, em proveito da nossa agricultura, sobre tudo, com a Inglaterra, que, com ser velha a posse, em que ella se acha, de nos levar a melhor em taes pontos, pois data já do reinado de Eduardo I, sempre é a que mais nos gasta, e a mais propinqua a permutar comnosco.

E dedicar-se-hia, protegendo a associação, por que, d'outra forma, não era exequivel, á abertura de vallas, á canalização de rios e ao augmento das estradas, que, cruzando-se, a preceito, em todo o reino, dariam valor dobrado a muitas terras, que, por sertanejas, definham no isolamento, e, alem de facilitarem a circulação de cereaes e artefactos, abririam, aos viajantes, as portas do nosso eden, verdadeiro eden, se a arte auxiliasse a natureza.

Eis aqui o que faria o partido legitimista.

E este programma, em que não ha « *impossiveis,* » que resistam á *vontade*, se ella é firme, e á *abnegação*, se ella é sentida, este programma seria acceite — affirmamol'o — em toda a plenitude, pelo augusto representante do principio monarchico.

E por que melhor se saibam as disposições d'animo, em que está o nobre proscripto, convidamos o leitor a que passe ao seguinte capitulo.

VII.

O mister de adulador é sempre ignobil.

Em nosso intender, não ha outro, que mais degrade a nobreza do homem; e, sobre tudo, a do historiador.

E faz-nos tal asco, e temos tal medo de que alguem chegasse a atribuirnol'o, que, se o personagem, de que vamos tratar, estivesse em Lisbôa, revestido da purpura, com o diadema na fronte, no meio da sua aula, e, á mão o cofre das graças ¿ quem sabe? talvez que hezitassemos em traçar estas linhas, com quanto o que aqui dizemos, nos rompa da consciencia.

O mais certo, seria calarmo-nos, que não faltaria, então, quem fallasse...

Porem o principe está no degredo, com os hombros nus da real insignia, coroado, somente... de espinhos, apenas entre amigos singellos, e pobre, pobre... por que tudo perdeu, menos a honra, por que de tudo o privaram, menos do amor do seu povo!

Que razão ha, pois, para o nosso escrupulo?

O que podem lançar-nos em rosto?

Por que não ha-de o nosso joelho — difficil em se rojar nos tapetes do paço — dobrar-se, de reverente, no chão humido do exilio, deante de um sol, sem raios?

Por que não ha-de a nossa mão — avessa a erguer o thuribulo, que perfuma os solios — pendurar, no altar do infortunio, uma capella modesta?

Por que não ha-de o nosso labio — mudo para as saudações, que o podêr atrahe — soltar o *Ave!* espontaneo, a um sceptro, em pedaços?

Sim. Agora, que esse sol, eclipsado, não resurde, inda, das nuvens,

Que esse altar, humilde, se não veste, inda, de gallas,

Que esse sceptro, partido, não começa, inda, a soldar-se,

Agora, dizendo com o nosso melhor lyrico — o mimoso cantor do *Festim de Balthazar* —

Suspeitas de lisonja aqui não cabem;
E' cortejo de reis; mas sobre o throno;
Ao desterro não vae...

podemos pôr, sem receio, o character do proscripto, em toda a luz, que merece, para alento dos que lhe querem, e para desillusão dos que o hostilizam.

Hostilizam-n'o, por que o não conhecem.

Oh! que se o conhecessem....

Se souberam que o maior *crime*, que peza no principe, que tem sido alvo dos aleives mais torpes, se, tambem, de affeições fervorozissimas, é estar identificado com um *principio* robusto!..

Nunca, a respeito do senhor conde de Samora, se escreveram palavras mais justas, do que essas, que, algures, lêmos n'um jornal progressista:

« D. Miguel foi a pessôa menos culpada do seu reinado. »

E foi, e foi!

Mas suppunhamos, em prova de imparcialidade, que o verdor da juventude, ou a inexperiencia, ou o mau conselho, ou, emfim, a influencia das ideias, que, então — inda mal — dominavam nas duas cortes visinhas, em Madrid e Lisbôa, o fez solidario dos erros, que, atraz imputamos ao partido legitimista ¿ haverá quem ache que não estão expiados?

Que! desoito annos de expatriação, de isolamento, de sacrificios, de penuria, de desconsôlo, de dores, de pranto, não terão saciado a vingança dos corações mais ferinos?

Acreditamos sinceramente — por que julgar o contrario, era fazer um insulto, alem de uma grave injustiça, a quem nasceu n'esta terra, sejam, quaes forem, as suas opiniões — que não ha ahi um só *liberal*, que tire, do fundo d'alma, o fel, que espreme nas suas phrases, ou de que tinge a penna, quando, escrevendo, ou, fallando, accusa o senhor D. Miguel;

Porem se algum inda existe, que, mais implacavel, do que *caprichoso*, que, menos christão, do

que politico, se obstina em lhe ter odio, cruse, em espirito, as plagas germanicas;

Chegue a Langenselbold;

Entre n'esse castello, onde surrio, ao exul, pela vez primeira, depois de tantos mil dias de cruel desconforto, um arrebol de esperança, quando o céo lhe enviava a princeza de Loewenstein — se não como fada, que o fizesse *opulento* — como pomba, que lhe annunciasse, trazendo-lhe o ramo da *paz*, o termo das calamidades, que o inundam e ao seu reino, como anjo, que lhe estendesse, sobre as feridas do peito, o seu véo embalsamado, como espoza que lhe aspergisse a solidão, de incantos;

Busque o eleito da nação portugueza, o depozitario de um direito sagrado, o fiador da nossa independencia, o neto de vinte e tres reis, o derradeiro Bragança;

Affirme-se-lhe nos olhos, onde se espelha, serena, a resignação de um Job; mas onde brilha, indomavel, a constancia de um Scevola;

Attente-lhe na fronte espaçoza, que, ora immergindo de mares de angustia, ora aguentando os projectis da calumnia, se volta para o poente, e parece pedir, de continuo, aos vales *saudozos* do Tejo, uma aragem, que a aqueça, entre os regêllos do norte;

Traduza-lhe, nas rugas temporãs, todas as phases da sua paixão, desde que dá o ultimo *vale!* ao exercito fiel, que o defendia, athe que, embarcando, entre *perigos*, sulcado o mediterraneo, perdido, no horisonte, o solo, em que lhe ficava *tudo*, arrojado, como um naufrago, a praias extranhas, vividos — se os viveu! — na Italia, treze annos, que

nem treze seculos, esgotados, hora a hora, tantos mezes sôb as nevoas de Inglaterra, vae encontrar, na Allemanha, um oasis no seu Sahara;

Falle-lhe;

Interrogue-o;

Escute-lhe a nobre lingoagem, lingoagem digna da bocca, que, se pronuncia esta bella phrase: « *eu não conheço inimigos entre os portuguezes,* » profere est'outra, não menos bella, e que parece dos tempos de Curio Dentato: « *prefiro o pão esmolado, ao oiro, que me offereciam, por uma traição ao meu povo, por uma quebra nos meus deveres, e por uma nodoa na minha honra*, »

Oiça-o... que, pouco a pouco, se achará tomado, não só de um respeito sincero, mas de um irresistivel atractivo,

Que sentindo vir-lhe aos olhos, já desvendados, o pranto do arrependimento, e soar-lhe, na consciencia, a aldavada do desingano, se renderá instinctivamente, dizendo comsigo mesmo, primeiro:

— « Está alli um martyr. »

E, depois:

— « Está alli UM REI! »

VIII.

O senhor conde de Samora, que, na brandura das suas fallas, n'austeridade de seus ademanes, e na nobreza de seu donaire, tem o cunho da preeminencia, e o sello da predestinação para uma esphera suprema, que conserva, alli, no exilio, a aureola da magestade, que falta, a outros, no throno, por mais que bordem o manto de lantejoulas phantasticas, por mais que grudem, á testa, a corôa de Campistron, trata, com a mesma lhaneza, a todos, os que o procuram.

Esclarecido, pela luz do christianismo, e, abrazado no amor patriotico, não estrema condicções, nem distingue partidos.

E' tam affavel com o peão, como com o gentil-homem, tam benevolo com o democrata, como com o legitimista.

E, para corroborar esta asserção, invocamos, com desassombro, o testimunho insuspeito de seus proprios contrarios — dos *liberaes* de *todas* as côres, que ahi o teem visitado, sobre tudo, no ultimo estio.

Elles que digam se exaggeramos,

Que nos condemnem, se mentimos!

Os unicos, que o principe acolhe com frieza, são aquelles, que vão fallar-lhe, levando, n'alma, o rancor civil, ou, a adulação, nos labios.

Aos rancorosos, chega a impor-lhes silencio, por que em seu animo generozo não acham eccho paixões ruins; por que a sua porfia, em perdoar, cresce, na proporção das offensas, que recebe; por que, disposto sempre a tirar a culpa dos *homens*, para a pôr á *fatalidade*, justifica os seus inimigos, desde o infimo, até o *mais alto*.

Aos aduladores... chega a rir-se-lhes do designio, por que sabe discernir perspicazmente o que procede do calculo, do que vem da consciencia; por que, affeito a ouvir a verdade, nua e limpa, como ella entra no tegurio de um proscripto, não soffre as *esgravatanas*, de que os cortezãos se servem, á moda d'aquelles barbaros, celebrados por Causino; por que aprendeu, de sobejo, a voltar o rosto aos aulicos, com duas mestras, que teve — a desventura e a historia.

Oh! e não é só na historia, que o senhor D. Miguel se instruio.

¡ Com que exacção não falla em economia politica, comparando os authores, que a illustraram,

e combatendo-lhes a doutrina, que tenda, por utilitaria., a *materializar* o povo!

¡ Que vastos conhecimentos não revela na marinha, para indicar, como indica, o modo de a restaurar, com metade da despeza, para o estado, e dobrado lucro, para o commercio!

¡ Quanto se não deu á mechanica e á sua aplicação variadissima, como, ha bem pouco, o provava, quando julgou, uma a uma, as tam diversas maquinas, que vira, na metropoli britanica, deixando admirados, os peritos, e os seus detractores, confundidos!

O principe estudou, e inda estuda, com tanto ardor, como proficiencia, sabendo, assim, pôr-se a par das elevadas questões, que agitam a sociedade.

E, entretanto que, aqui, o accuzavam de querer o *obscurantismo*, seguia elle, de lá, os progressos, scientificos, que, entre nós, hia operando, não a protecção do governo, mas a *influencia* do seculo, e enviava (*) os seus emboras á juventude

---

(*) Para que se veja que nem trucamos de falso, nem pozemos este termo á tôa, adduzimos o excerpto de um artigo, que o nosso distinctissimo philologo, o snr. A. da Silva Tullio, publicou, em o num. 13 do jornal A SEMANA, que dignamente dirige, e em que se refere a uma carta, que lhe escrevera, de Londres, o snr. Ribeiro Saraiva.

« Entre outros periodos — diz o illustre redactor — que certamente teremos ainda de transcrever, poremos agora o seguinte, que por vicioza modestia não devemos ommittir, visto ser honra mais *collectiva*, que individual. = Encarrega-me S. M. (o snr. conde de Samora) de agradecer da sua parte a V. as cortezes expressões, que a elle dizem respeito, e de assegural'o da *sua estima, qual a tem por todos os, que, como V. illustram a nação por seus talentos e escriptos.* »

esperançoza, que, por *espontaneo* impulso, levanta um padrão de gloria á nossa literatura.

E esforçava-se, tanto mais, em enriquecer o espirito, d'aquella riqueza, que, no dizer do philosopho, podia levar consigo, a toda a parte, aonde fosse, quanto mais se affanavam em o impobrecer das commodidades do corpo.

E bem se affanaram!

E bem o conseguiram, não ha duvida!

Negou-se-lhe a pensão, estipulada n'um contracto solemne;

Impedio-se-lhe que recebesse a partilha materna;

Recuzou-se-lhe a herança, que sua irmã lhe legara;

Deu-se-lhe cabo das joias, que tinha;

Reteve-se-lhe a bagagem, incluindo a roupa de uzo;

E, para cumulo da mesquinhez, estorvou-se por todos os modos, o soccorro alimenticio, com que os fieis portuguezes lhe acudiam, no desterro!

¿ E como se houve o principe no meio d'estes flagicios, que innumeramos com pejo, e *mau grado nosso*?

Os primeiros, tragou-os, sem um só queixume.

Ao derradeiro, respondeu com esse brado, que repercutio na Europa, deixando, em todos os povos, uma licção de virtude, cazada com a fama de seu nome.

« *Antes soffrerei a ultima miseria* — escrevia Elle — *e que o mundo a veja, do que servir de pretexto a qualquer perseguição, que possa augmentar o numero das victimas da lealdade.* »

E soffria-a!

E resignava-se !

E, o que mais lhe doïa dentro d'alma, não era o privarem-n'o do esplendor condigno, senão o ver-se inhibido de amparar a indigencia, abrindo, sobre ella, a mão compassiva com que, de seiscentos escudos, que o papa lhe offerecia, annoalmente, disseminava, em esmolas, quinhentos, e, com que, indicando, aos « *catholicos*, » e, aos « *humanitarios*, » como se cumpre co'as regras da philantropia, e co'os preceitos da religião, não receou, em Roma, de tocar n'um impestado, para o pôr na *sua propria* carroagem, e, assim, o conduzir a um hospital, nem se desprezou, na Inglaterra, de ser o mais pressurozo em soccorrer um jockey, e em ministrar-lhe vinho pelo *seu proprio* copo.

Oh ! pois topar com um mendigo, e não possuir um obulo, para remedial'o ! . . .

Saber que ha quem lucte, n'um leito de palhas, com a doença e . . . a fome, e não poder levar-lhe o conforto ! . .

Nem ter de seu, para isso, ao menos ! . .

Elle, um Bragança !

Era esta ideia o maior de seus supplicios, que n'aquelle peito, só se abriga um sentimento, que dispute o dominio á benificencia — é a nacionalidade.

A nacionalidade, sim, esse fogo sagrado, que lhe arde no coração, que os tufões da desgraça não apagam, ateiam, e que lhe illumina a palidez do rosto, quando lhe chega aos ouvidos o nome de *Portugal* ;

Esse characteristico, que nasceu, e vive, e morrerá com Elle, que foi, sem questão, uma das cauzas, que concorreram para a sua queda, que é

*

a unica excellencia, que inda nenhum de seus zoilos se atreveu a negar-lhe, e que será, constantemente a sua bussola, se a sorte chegar, um dia, a tornar-se-lhe propicia.

— « *Eu amo tanto o meu paiz* — dizia o principe, ha mezes, com as lagrimas nos olhos, — *sinto um orgulho tamanho, em merecer a affeição dos meus compatriotas, que não trocara, por este exilio*, O IMPERIO DO MUNDO, *se alguem viesse offerecer-m'o, impondo-me a condição de me desnaturalizar, ou, exigindo-me a clausula de ceder de um* DIREITO, *que pode proporcionar-me a quitação de tal divida, restituindo-me ao povo, que* MEDITO FAZER LIVRE, *e a cuja gloria e reconciliação, consagrei o restante de meus dias.* »

E desdizem, acazo, os seus actos, d'estas expressões portuguezissimas?

Pelo contrario. Comprovam-n'as.

Genuino neto d'el-rei D. Diniz, Elle prefere, para o seu trajo, as nossas telas e lanificios, e não ha cambraya do Malcolm, que lhe pareça melhor, que o linho de Guimarães, nem cazimiras de Wrigley, que valham tanto, a seus olhos, como as somênos de Port'alegre;

Na sua meza, com quanto parca, procura que nunca falte alguma coiza do reino, e, havendo-a, considera-se mais farto, do que se alli lhe pozessem o jantar de um Marco Hyrcio;

Os livros e os jornaes da sua terra, são sempre os que lê, primeiro, e deleita-se em decoral'os, por que lhe fallam, á alma, na lingoa, vernacula, na *unica* lingoa, que tem um *vocabulo*, para exprimir-lhe o que o punge — a saudade!

E, quando veio, de Bexhill, a Londres, para ver, no palacio de Hyde parck, o progresso industrial da humanidade, e colher d'elle noções proficuas, nenhuma das immensas maravilhas, quer naturaes, quer artisticas, que ahi accarretaram, á porfia, as nações todas do globo, lhe namorava os olhos e accendia o espirito, como qualquer dos productos, ou dos artefactos, que nós para lá mandamos; só, por que uns brotaram d'entre o solo do seu berço, e os outros, d'entre as mãos dos seus patricios.

Nem havia, n'esse novo capitolio — destinado a laurear, não as façanhas da guerra, porem as lidas da paz, não a fronte salpicada, inda, de sangue, porem a que está, inda, humida do suor, que manara, não o conquistador, porem o operario — logar, que mais o atrahisse, que lhe parecesse mais alto, do que o modesto recinto, que nos foi destinado!

Era a sua *patria* n'aquelle *microcosmo* deslumbrante.

Era o seu Portugal — como elle pode, e deve, inda ser — isempto das dores, que o varam, esquecido dos *odios*, que o laceram, livre do opprobrio, que o mancha, inobrecido pelo trabalho, ufano da sua riqueza, e imparelhado com os povos cultos.

E alli passava horas e horas, admirando, incarecendo, zelando o preciozo depozito, sobre que fluctuava o pendão das quinas.

Zelando–o ... é verdade.

Que fosse alguem deprimir–lh'o!

Que lh'o ouzassem desacatar!..

Disseram–lhe, d'uma vez, que se projectava

cercear o espaço, concedido á nossa industria, para o ceder á Hispanha.

O principe redarguio, injectando-se-lhe as faces da indignação, mais justa, e fusillando-lhe, no olhar, uma ascua de inthusiasmo:

— « *Se me coubesse governar n'isso . . . nem o pó do chão lhe cedia. Até d'esse tenho ciumes!* »

Em outra occazião, contaram-lhe que houvera difficuldades em admittir um quadro, que d'aqui se inviara, por ser peça de caligraphia;

E este quadro, que foi, com effeito, exhibido, reprezentava o retrato da augusta filha do senhor D. Pedro, com todas as insignias do « rainha. »

Que responderia, que julgam que respondeu o senhor conde de Samora?

E note-se que, n'esse momento, só estava cercado de legitimistas!

Eis-aqui estão as suas palavras:

— « *Seria uma pena que não fosse exposto. De mim digo que* ME IMPENHARIA PARA QUE O ACCEITASSEM. *¿ Não é obra de um portuguez?* »

Singular rasgo de animo, em que se confundem a tolerancia e a nacionalidade, o que tivera tremendas anthiteses, se, faltando ao nosso propozito, e contravindo os dictames da generoza victima, procurassemos revolver a historia contemporanea!

Edificante exemplo, para os seus partidarios, se algum inda houvera, que não aprendesse, em desoito annos de amarga desgraça, que o respeito ás crenças oppostas, é tam necessario, na sociedade, como o favor dado ao merito!

Desingano clarissimo, para os seus adversarios, de que o proscripto do Meno, não reconhece *partidos*,

nem *symbolos politicos*, onde vê conterraneos' e primores de arte, e que premeia estes, tam *egualmente*, como ama aquelles!

Glorioso documento, que, por si, bastara a characterizar o senhor D. Miguel, se, como o deixamos provado — apoiando-nos em factos inconcussos, e em irrefragaveis testimunhos — se não concluisse que este principe, reunindo a lizura, á magnanimidade, a illustração, á constancia, e a benificencia, ao patriotismo, é digno,

Não só, do povo, que o aclamara,
E do principio, que reprezenta,
E do paiz, a que zela a integridade,
E da stirpe, de que procede,
E do nome, que tem,
Mas, da impreza, que lhe está destinada.
Está!

IX.

Está. Repetimol'o.

E não nos descoroçoe um temor phantasmagorico, que a tibieza infundada é tam fatal, em politica, como o ardor intempestivo.

E não trepidemos, sem saber por que, deante dos que nos dizem: « *o Senhor D. Miguel é impossivel* » que, se vamos ao cazo, a sentença, tam laconica, só cumpria redarguir, no mesmo tom: « *impossivel é o que se lhe oppõe.* »

Era aphorismo, por aphorismo; salvo a differença de que n'este ha logica, e n'ess'outro, não.

Mas não convem que assim se lhes responda.

O publico é exigente, e, sobre isso, desconfiado.

Não se contenta com canones; deseja que lh'os desinvolvam.

Não acredita em Cassandras; preciza de lingoagem comezinha.

Demais, o ponto é grave.

Bom é que seja explorado.

Ganhamos todos com isso.

Examinemol'o, pois, com a devida franqueza.

Incare-se com a montanha, que ha-de, emfim, sahir um àtomo, como o *Atlas* de Despreaux;

Invista-se com o collosso, que ha-de vir, d'um golpe, a terra, como o idolo de Serapis.

Vamos.

¿ Que é da *impossibilidade?*

¿ Em que consiste?

Na *oppozição*, que lhe fazem, ao senhor conde de Samora.

Bem.

¿ E a que é feita a oppozição — á pessôa de Elle, ou ao principio, que symboliza?

¿ E onde é feita a oppozição — em Portugal, ou fora do reino?

Quanto á *pessôa* do Senhor D. Miguel, pode affirmar-se, sem escrupulo, que o receio é todo panico.

Teve inimigos, teve, e muitos, e inumeraveis, e incarniçadissimos;

Foi moda, é verdade, condemnal'a geralmente; mas a moda passou.

Operou-se, a seu respeito, um reviramento inteiro na avaliação do publico.

A imprensa, que se prestava para estampar, contra o principe, as verrinas mais acres, que acolhia a qualquer accusação, com tanto que aprezentasse uns visos de vero-simil, hoje, ou, contricta, se desdiz do que affirmara, e justifica o innocente, ou, a não fazer côro com os que o elogiam, não ouza, ao menos, combatêl'os, cara a cara.

Os estadistas, que o consideravam como um estorvo permanente ao *progresso* d'esta terra, que seguiam, para lh'os neutralizar, quantos passos Elle désse em direitura da patria, hoje, a não n'o protegerem, tambem o não espionam, por que começam a olhal'o, como um restaurador predestinado.

O povo das nações mais illustradas, que o tinha por um Nero sem intranhas, que se alistara, contente, para vir desthronisal'o, e tolher-lhe que invergasse, outra vez a regia purpura, hoje presta-lhe homenagem ás virtudes, e não apoia, censura, que lhe debellem a cauza.

As increpações, o desprezo e o rancor, começando por mudar-se no silencio, na comiseração e na neutralidade, já se convertem em gabos, em deferencia e em simpathia.

A experiencia foi fertil; produzio effeitos milagrosos.

Illuminou, como um facho, a todas as opiniões.

Infiltrou-se, como chuva salutifera, em todas as camadas sociaes.

E, ao passo que hia arrancando, aos illudidos, a venda, cegava o gume das malquerenças.

Ao prezente, vêem claro os mais dos olhos, e os mais dos odios estão imbotados.

E assim como, o que, agora, urdisse uma ca-

lumnia, em descredito do martyr mais illustre, em vez de applausos, levaria vaias, e, cuidando que trepava ao Capitolio, subiria os degráos do pelourinho, tambem o que prégasse, contra o principe, uma cruzada politica, fazia uma parodia caricata d'aquelle antigo eremita, e tinha de se ver, sozinho, em campo.

Isso acabou.

Lá por Elle *ser quem é*, poucos ha já, que o hostilizem.

Poucos.

Sobre este ponto, esteja-se em socêgo.

E quanto ao principio, que lhe anda ligado...

Oh! que a reacção, em seu favor, não é somênos a aquella, que se está manifestando, em toda a parte, em proveito decidido do proscripto.

Se augmenta a persuazão de que o Senhor D. Miguel, longe de ser um tiranno, qual o pintara o imbuste, é dotado de eximias partes d'animo, qual a verdade o ostenta, vae medrando, d'egual forma, a opinião de que o direito monarchico, longe de ser synonimo do despotismo, e de trazer, por satellites a theocracia e a aristocracia, é antes fiador da liberdade, e põe o povo a coberto de todas as *ambições.*

Se ganha incremento a ideia de que no augusto exilado se cifra a redempção de Portugal, vae-se inraizando a crença de que a salvação commum se concentra no principio, que Elle invoca.

E tambem se assim não fôra...

A questão é clarissima.

Reduz-se aos termos mais simples.

Não passa d'este dillemma:

Ou os reis e os povos — a sociedade, emfim, dezeja, ou não, a existencia.

Se a dezeja, por outra, pertendendo a paz e a ordem, que não ha *vida* sem isso, tem de apegar-se á columna, que, firme em seu pedestal, arrosta os raios e os seculos, e eil'a, então, abraçada com a « legitimidade. »

Se a não dezeja, por outra, querendo a anarchia e a guerra, que d'isso se gera a *morte*, tem de arrojar-se á voragem, onde referve a borrasca, e o porvir desapparece, e eil'a, então, debatendo-se nas mãos da « revolução. »

De duas, uma: bandeira *branca*, ou *vermelha*.

Convem escolher entre ambas.

E não ha que tergiversar.

Não ha que recorrer a subtilezas.

As argucias dos philosophos politicos são mólas muito çafadas.

Em vão as bezuntam d'oleo. Não fazem nada com ellas. Se, inda, imprimem á maquina um resto de movimento, é momentaneo e infecundo.

O reinado das ficções cambaleia. Debalde o especam dos lados. A' imitação de Nathan, pertende andar, mas arrasta-se.

O constitucionalismo tem os seus dias contados. Morre de um mal incuravel. Está com gangrena nas visceras. Não ha especifico algum, que o saque fora do leito; salvo se lhe aplicarem o *remedio* de Galvani. Esse põe os cadaveres de pé...

Desilludam-se; não se fatiguem.

Por mais esforços, que empreguem, não transformam o preterito, em prezente.

O sophisma não pode suster-se sobre o throno da verdade.

Não.

Nem o direito da força valer pela força do direito.

O pàllido Asthoroth da realeza, arrebicado, agora co'a implastagem de adhezões, tam serodias, como hypochritas, estrugido, noite e dia, por um hymno beatifico, em que vae, solapado, um *crucifige*! por baixo de cada *ave!* é para comparar-se á authoridade, que brotou, d'entre espadas e bayonetas, involta em fumo e em sangue, á voz dos pretorianos, que, ou por vinte punhados de seistercios, ou por vinte garrafas de *champagne*, deliberam que Didio Juliano se aposse do logar de Pertinax.

Basta já de *monarchas-agiotas*, que, quanto mais se desvellam em disfarçar, com o luxo, o prestigio, que lhes falta, tanto mais vão sugando a seiva ao estado, e seriam capazes, se os deixassem, de pôr, ao cabo, o povo em almoeda.

Basta já de *tirannos-de-comedia*, que, para se fazerem respeitados, soffocam a liberdade, guerream a intelligencia, inauguram o terror, e, por pouco que, imitando os antigos reis da China, não fallam, aos seus *escravos*, de dentro de algum dragão.

Nada. Pozições definidas!

E ellas definem-se...

E' myope quem o não vir.

A travéz dessa nebrina, que vae fugindo, varrida, de sobre a face da terra, ao sopro do desingano, desenham-se, a pouco e pouco, os dous pólos adversos, entre os quaes a sociedade optará.

E que não sêja recta a sua escolha, não deixe ninguem de crêl'o.

E ninguem deixa, de certo.

Por que presopôr que preferiria a ruina á salvação, era têl'a por suicida, o que, repugnando ao seu instincto, não quadra á nossa razão.

Portanto, deve inferir-se que a oppozição ao *principio*, com que se identificara o senhor conde de Samora, não é para metter sustos.

E' mais o fumo que o fogo.

Ora, acceitas estas reflexões, como esperamos que o sejam, desalojado o *phantasma*, como intendemos que ahi fica, da sua melhor estancia ¿ por que não hade deitar-se uma vista d'olhos, não só para Portugal, mas tambem para a Europa, com mais de meia certeza de não lhe colher do gesto a reprovação do principe?

Em Portugal... oh! em Portugal, não é a duvida.

O partido, que estende os braços para o Senhor D. Miguel, que o sauda, a travez de immensas legoas, que o chama, como a um Messias, peza tanto, n'uma cuia da balança, quanto avultam, na outra, as fracções todas, que lhe são contrarias.

E' que o legitimismo, conforme aqui o dissemos, alem de possuir, da sua banda, a razão dos algarismos, inda traz vivas as crenças, conserva-se em um só corpo, e alenta-se da sua firmeza, ao passo que os *liberaes*, de todas e quaes-quer côres, sentem que os resfria o scepticismo, desligam-se, de dia a dia, e começam a mostrar-se fatigados.

De mais ¿ as bôas doutrinas não terão actuado n'um ou n'outro, embora o neguem, ou o dissimulem?

Nós somos justos.

Não condemnamos, a êsmo, os partidarios da revolução.

Convidando, acolhendo a *todos*, discernimos, em alguns, uma alma franca, que, se tomou por má via, foi por equivocação, que, se tarda em se render, é por um escrupulo extremo.

E mesmo ¿ qual ha dos outros, dos que andam cegos pelo rancor, desvairados pela soberba, ou corroídos pela avareza, que, ao pôr a mão sobre o peito, e, ao consultar, como Sterne, o fiel da consciencia, possa ouvir uma voz intima, que lhe brade d'esta forma :

— Avante! Não desanimes, que a justiça está por ti ;

— Eia ! Não retrocedas, que felicitas a patria ? . .

Cá dentro, no paiz, bem estamos.

E senão va-se a votos. Consulte-se a nação lealmente e que o escrutinio falle.

Agora, *la fora*, na Europa . . .

¿ E qual é o aspecto d'ella ?

Singularissimo !

¿ De que servem estes aprestos, que parecem precursores de combates, como os da Africa e da Tartaria, que indicam que nos vamos remontar ás èras fabulozas de Sesostris, que annunciam a hecatomba de mais victimas, do que custaram, aos povos, as guerras dos doze Cezares ?

Que trafego extraordinario !

Estradas estrategicas, abrindo-se; cidades, fortificando-se; depozitos de viveres, provendo-se; arsenais, retumbando, sem repoizo, co'o retinir das

fraguas; estaleiros, cobrindo-se de vazos; levas de mancebos, succedendo-se . . .

Tanta arma, tanta frota, tanto exercito! . .

¿De que serve isto?

¿Que se deduz do mysterio, que adeja nas espheras diplomaticas, por que, se ó estranha a attitude, que a Europa toma no campo — mostrando-se, umas vezes, precavida, e, outras, ameaçadora, reforçando-se, agora, nos seus muros, como se já sentisse a Catilina, ás portas, e fazendo, logo, que avança, como se precizara, á imitação de Alexandre, de *conquistar um mundo, em que respirasse* — não é menos para assombrar o que vae nos gabinetes.

Os correios fervem; os financeiros calculam; os ministros tanto sobem, como descem; os estadistas percorrem as côrtes; os monarchas conferenceam. . . .

E sempre o mesmo segredo, a mesma incerteza, a mesma anciedade!

Que se deduz d'aqui?

Se o leitor se quer guiar, como se guia de certo, pelo fio syllogistico da nossa propozição, admittindo o axioma de que a sociedade não procura o suicidio, mas tende, pelo contrario, a preservar-se da morte, e com tanta solicitude, quanta fôra a emminencia, em que vira o perigo, hade, então, ler por força, no horizonte da Europa, n'esse horizonte, turvo, como um céo de Março, em que se confundem a luz e as sombras, em que transparecem uns laivos de azul pela rotura das nuvens, em que se estão debatendo os derradeiros arrancos da estação tempestuoza, e os primeiros assômos da quadra se-

rena, ha-de ler os simpthomas infalliveis d'um periodo de tranzição.

Tranzição, já se sabe, para um estado permanente, em que não seja precizo nem pôr o algoz, de permeio, entre a lei e a liberdade, nem ter que vacillar, todos os dias, na prezença do tigre da anarchia!

A Europa não reincide no peccado.

Pagou-o por um preço exorbitante.

Em 1830, tributou preito e homenagem ao materialismo politico; agazalhou a serpente; porem esta, como aquecesse, alçou-se remunerando-a com a condigna licção, em 1848.

E deu-lh'a bem dada!

Lavrou-lh'a com o sangue de Rossi, de Lamberg, de Lichnowsky, de Auerswald e de Latour;

Esculpio-lh'a nos solios *vazios* de Dresde, de Baden, de Vienna, de Berlim e de Roma;

Atirou-lh'a para lá do Vistula, como um repto a essas tantas mil bayonetas, que, no dizer de Villaminoff, podiam sustentar a aerea abobada, no cazo de ella cahir.

Não. A Europa arrependeu-se; escarmentou; está outra.

Da sua phisionomia não se deprehende o anathema contra o pendão de Almacave.

E' verdade ¿ Mas a quadrupla-alliança?

A quadrupla-alliança... subsiste; ao menos, *de direito*, não ha duvida.

¿ E subsistirá ella, *de facto?*

¿ Quererão, ou poderão, acazo, as nações — ou antes, os governos — que compoem esse tratado, invadir este solo, pela vez terceira?

Por uma lisonja ao *paço*,

Por uma contemplação com *interesses dynasticos*,

Por uma acquiescencia a *affeições de familia*
¿ esqueceria o ministerio de Saint-James, que, alem da agitação das ilhas Jonicas, e dos tremendos conflictos do cabo da Bôa-esperança, e dos ais lastimozissimos da Irlanda, e, emfim, de riscos tamanhos, que o cercam, que o ameaçam, que lhe absorvem as attenções, se estão nutrindo nos seios da Albion inaccessivel, aquellas mesmas sementes, que ella, d'antes, repartia com mão larga pelos paizes vizinhos, e de que, agora, a escoria d'esses paizes lhe veio fazer, em caza, o alfobre?

¿ Seria surdo ás queixas geraes?

¿ Menosprezaria vantagens obvias?

E, lançando-se, de novo, na politica fatal da *intervenção*, fulminada, do alto da tribuna, pela potente voz do Lord Stanley, como contraria á justiça, repellida nos *meetings* do povo, como alienadôra da influencia britannica ¿ enviaria, ao Tejo, um outro Parker, em prol da revolução, e contra o direito mais sancto?

Com quanto deva aproveitar o ensejo de *entreter* os seus exercitos com a embriaguez da gloria, e arredal'os, d'esse modo, dos escolhos de uma nociva apathia,

Posto que mostre empenhar-se em manter as realezas, que, filhas da sedição, pertendem passar, agorá, por archi-reaccionarias, e convertel'as em escoras d'um *analogo* edificio — d'um imperio, que se sonha que resurja, á similhança do Lazaro, do sarcophago, em que jaz, ao pé do Senna, inerte,

como a mão que o fabricara, cercado dos loiros *seccos* de Wagram e do Marengo, involto n'uma purpura *delida*, asperso pelas lagrimas estereis de granadeiros *invalidos*,

Não obstante o seu odio á legitimidade, odio, que lhe vem por herança, assellado com o sangue d'um Bourbon, nas muralhas de Vincennes ¿ ignoraria Napoleão, que, de fóra dos salões da prezidencia, debaixo do epitheto sarcastico de « republica social » está a França, que o observa, que o peza, que o julga, sem fallar em que, acima d'ella, ha outro juiz, a Europa?

¿ Ignoraria que d'essa França, ou a repute monarchica, ou a tenha por demagogica, só podia grangear reprovações, intervindo em Portugal, por que os sectarios do socialismo censuravam, n'um passo de tal ordem, a protecção, que hia dar-se a uma instituição espuria, que renegou do que era, e quiz ser o que não era, em quanto que os partidistas das dynastias legitimas maldiziam o apoio, concedido a um throno, que dão por falso?

¿ Ignoraria que, procedendo assim, se punha em antithese flagrante com as razões, que o moveram á interferencia em Roma, por que, alli, resgatava um papa, restabelecia um direito, e pugnava por um principio, ante o qual se prostram, rendidos, tantos milhões de catholicos, e, aqui, algemava um povo, fortalecia um facto, e firmava um systema, que inumera pouquissimos proselitos?

Com todo o seu interesse em conservar, n'esta terra, um regimen homogeneo, para não se lhe formar ao pé da porta, uma barreira alteroza, que a sua phantazia assustadiça lhe havia de fingir, conti-

nuamente, uma ponte traiçoeira, por onde lhe ateassem o contagio os esquadrões realistas, ou as hostes democraticas,

Com toda a sua ambição de exercer em Portugal uma especie de tutella, até por certa inveja á Grã-Bretanha,

Com todo o seu estratagema de nos reter, de infusão, na peçonha *liberal*, pois que, innervados assim os brios da independencia, que deitaram capitães, como Nun'Alvares, e D. Sancho Manoel, era facil de alcançar, por meio da *absorção*, resultados mais seguros, do que os que se obtiveram pela derrota de Alcantara ¿ ouzaria o gabinete de Madrid vencer as hezitações, de certo, as repugnancias, que havia de encontrar n'aquelles mesmos, que foram, d'antes, seus socios?

¿ Lograria impetrar com artimanhas, a não ser uma coadjuvação, ao menos, uma annuencia a que podesse ingerir–se, só por si, nas nossas coizas?

E, cazo lh'o concedessem, ou melhor se dirá lh'o tolerassem ¿ julgar-se-hia com posses de atravessar as fronteiras, com a gente *necessaria*, por que sabe, de experiencia, o para que nós valemos, quando, afóra muitos outros obstaculos, estremece no diadema de Castella, tentando desingastar–se–lhe a melhor de suas perolas — a possessão de Cuba,

Quando, apesar dos recursos, que o paiz lhe facilita, está luctando, arca por arca, com uma crise financeira,

Quando, em contrapozição ao alarde *official* de adhezões imaginarias, vê, com os olhos da consciencia — descontente, agrilhoada, roída de myriadas de vermes, como o mendigo do *seu* Murillo —

a Hispanha, a nobre Hispanha, que nem se assusta de Portugal, governado á portugueza, nem nos deseja um sistema, de que, ella mesma, soffre as consequencias, nem pertende ampliar os seus limites pelo preço de um nacionalidadicidio,

Quando teme que o sangue de Pelagio reaja, d'um momento para o outro, como a chamma, que dorme sôb as cinzas?

Alentemo-nos da esperança lisongeira de que esse memoravel protocollo pertençe ao passado e á historia, que ha-de cercal-o, archivando-o, das *hon-ras*, que lhe competem.

O tratado da quadrupla-alliança já não pode passar de « lettra-morta. »

Porem se assim não fosse, por desgraça, se, a despeito dos nossos calculos, se renovasse um colluio, tam pouco humanitario, como iniquo ¿ o que fariam Hispanha, França e Inglaterra, com o enorme poder de suas armas, se, attendendo os portuguezes, os portuguezes todos, ao estado da sua patria,

Penetrando-se do dever imprescriptivel, que teem, como seus filhos, a cumprir para com ella,

Reflectindo nos meios de a salvar,

Resolvendo-se a fazel-o,

Predispondo-se, para isso, com a emmenda de seus erros, com o holocausto de seu egoismo, com a abjuração de seus caprichos,

Despojando-se das insignias de partido,

Esquecendo reciprocas offensas,

Vindo uns para os outros, como irmãos, de um modo *conveniente*,

Fallando-se com lealdade,

Fazendo concessões, de parte a parte,

E, concluindo, a final, que cumpria apellar para os principios do credo legitimista, adoptassem o arbitrio de acceital'os, espontanea e unanimemente?

¿ Atacariam, acazo, á bayoneta calada, uma nação, que exercia o sacerdocio mais alto, á sombra d'um direito incontestavel?

¿ Por ventura abafariam, com o trom de seus obuzes, os accordãos de um congresso, que reprezentava o povo?

¿ Não guardariam respeitos a uma solução pacifica?

Por que é isso exactamente, é uma SOLUÇÃO PACIFICA, o que nós concebemos e « propomos. »

Não fallamos em outra hypotheze.

Não nos guiou outro intuito, quando pegamos na penna.

E, com quanto, se tomaramos a impreza de recorrer aos brios nacionaes, podessemos provar ovantemente que, onde ha dedicação e heroicidade, existe a garantia do triumpho, seja, qual fôr, o inimigo, e, adduzindo exemplos gloriozos, quer domesticos, quer extrangeiros, repetir-lhes aquella voz dos ungaros: *moriamur pro rege nostro*, *Maria Theresa*, no momento de arrostarem, destemidos, alem de tantos principes do imperio, o eleitor de Baviera, o soberano de França e o rei da Prussia, ou mostrar-lhes, nos plainos do Alem-Tejo, vencidos por nosso braço, não só a flôr de Castella e o bom da Extremadura, mas o melhor de Milão e o escolhido de Flandres, jamais concitariamos os animos para os horrores da lucta.

Uma victoria, obtida pela *razão* da espada, lastimamol'a: não a queremos.

Fructos, que amadurecem, borrifados pelo sangue, pressentimos-lhes o travo: regeitamol'os.

Aspiramos á reconciliação; promovemol'a pelo raciocinio.

E tambem quando fossemos tam louco, que assoprassemos as ascuas da sizania, quando fossemos tam covarde, que, intrincheirando-nos n'este livro, convidassemos á reacção ¿ que effeito produziriamos?

Provocavamos o rizo e o desprezo.

O partido legitimista, amestrado pela experiencia, movido pelo bom senso, conscio, como está, da sua força, do seu direito, e do seu futuro, repelle, com dignidade, suggestões perniciozas.

Conhece os fojos; e evita-os.

Não conspira; ESPERA.

X.

Eis–aqui estão, pois, as nossas palavras.

Não nos pejamos de as publicar.

Jamais as renegaremos.

São rudes, mas verdadeiras, e independentes, e inoffensivas, e conciliadoras, e portuguezas.

Vindo–nos d'alma, direitas, procuraram exprimir, unicamente, um dezejo fervoroso de acertar.

Se o não fizeram melhor, é por que mais não podiam.

Eil'as!

Dizemol'as, em egual tom, a adversarios e a amigos.

Pronunciamol'as claro, para que todos as oiçam.

Todos; sem excepções, ou de interesses, ou de classe, ou de partido.

Proferimol'as bem alto, tanto em prezença dos povos, que se deixem arrastar ao sorvedoiro, inlevados no tanger insidioso dos Orpheus materialistas,

Como d'aquelles devassos, que, no meio dos saraus de Babylonia, não reconhecem que os persas se estão armando, nas trevas, para virem transformar-lhes, de improvizo, as luzes, no incendio, o vinho, no sangue, e a orgia, na morte,

Como dos do areopago, que adoram a um « Deus ignoto » e entre os quaes — a não ser geral o *riso*, ou a ideia de deixar *para outra vez* a resolução de *ouvir-nos*, talvez que algum se tente a *acreditar-nos*.

Eil'as!

Respira d'ellas, e, n'ellas, vae registado o nosso amor pela patria;

Pela patria, cujos creditos temos tanto a peito, cujos golpes procuraramos sarar, á custa da propria vida, a cuja destruição nos não soffria a alma que assistissemos, em vergonhoso silencio.

E não assistimos, não.

Avizamol'a de que é certa a sua perda, proseguindo no marasmo, que a apodrece, e a que indicamos as cauzas, quer remotas, quer propinquas, com toda a imparcialidade, — não cuidando em sahir de tal estado, por uma reconstituição, não só moral, mas politica, porque, posto que uma parte da nação, a maior parte d'ella, pois é a que abrange o povo, na quasi totalidade, se tenha, por ora, forte, unida, sã, e saiba resistir ás tentações, e protesto contra o

oprobrio, de que a cobrem, e labute em re–haver o seu bom nome,

Com quanto sejam eternos os dogmas da verdade, da justiça, e do direito, a que, inda, se rende culto,

Apezar de que o grito do remorso já rebenta, proficuo, de alguns peitos ¿ que importa, que pode, que faz isso tudo, assim só, desajudado, e combatido, contra o mal, que se incastella, rodeado de recursos, nas instituições, nas leis, no governo, nos empregos, e, emfim, na *sociedade official*, d'onde estão ressumbrando, de continuo, os venenos corrosivos, as sementes da discordia e os measmas da gangrena, d'onde parte a seducção mais perigosa, d'onde provem a ignominia, d'onde se arroja com lodo aos padrões da nossa gloria, d'onde se acata a mentira, se sustenta a iniquidade, e se exalta a uzurpação, d'onde se ensina, ajunctando os exemplos ás doutrinas, que a voz da sensualidade vale mais do que a voz da consciencia?

Provamos-lhe, depois de apreciar — collocando–os, frente a frente — os partidos e os principios, que a nossa regeneração, para que, alem da *real*, seja livre, e germana e perduravel, só deve receber o seu impulso dos que mais illibados se conservam, e só pode procurar, para alicerces, as salutiferas maximas do catholicismo, os elementos fecundos da nacionalidade, e as inconcussas regras do direito;

Expômos–lhe, instruindo–a no caminho, que lhe compete seguir, desbravando–lh'o de obstaculos, refazendo-lh'o onde convem, pondo-lh'o plano e corrente, que o meio mais adequado para chegar a tal fim, é UM ACCORDO SINCERO entre as diversas frac–

ções, em que estamos divididos, celebrado por um *methodo prudente* e n'um *ensejo opportuno*, com o auxilio de todos os talentos e de todas as dedicações.

Fallamos; e desinganado; e entretanto que é tempo.

¿ Que mais nos cumpre fazer para cabal desempenho d'essa lei inderogavel, que o coração nos impunha, como Solon a impoz aos seus estados?

¿ Que mais?

Ao menos, não nos hão-de ficar escrupulos, e lavaremos as mãos, em signal de inconnivencia, se, perdida a nossa voz, como o trigo na terra do Hacèldama, ou o orvalho nas aguas do mar-morto, nos chamarem, voltando-nos as costas, ou fossil ou visionario,

E forem proseguir no seu tripudio sobre a ladeira do abysmo,

E, *scepticos* de quanto possa erguer a alma acima do gozo sordido, que nos deleita os sentidos, *indifferentes* a quanto venha lembrar-lhes o padecimento publico, *raivosos* contra quanto lhes impeça a realização de seus caprichos, entregues, unicamente, ao propozito aviltante de esgaravatar *algum oiro* nas ruinas do erario, forem dando, de revolta em revolta, e de fallencia em fallencia, com Portugal em Castella.

Que dão!

E cedo!

E mais cedo talvez do que se cuida!

Um author, de innegavel nomeada, tam caro aos legitimistas, como, de certo, a primeira das glorias litterarias do paiz, quanto ouvido dos dous campos *liberaes*, como a mais vigorosa authoridade, com

que lhes cabe escudarem-se, estampou n'uma obra memoranda, de que já extrahimos alguns trechos, estas frazes, que, ao que vemos, são propheticas:

« Mais dez annos de barões e de regimen da materia, e infallivelmente nos foge d'este corpo agonizante de Portugal o derradeiro suspiro do espirito. »

Ora, isto escrevia-o elle, em 1843;
Nós estamos em 1851;
Para a conta faltam só dous;
E como os barões *crescem*, e a materia *rege*...

* *